

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES ÍNDIGENAS  
LINGUAS ARTES E LITERATURA (LAL)

ESTUDO SOBRE O LÉXICO AKWE XAKRIABÁ: UMA PROPOSTA  
DE ESCRITA E UMA CHAMADA PARA A REVITALIZAÇÃO DA  
LÍNGUA

**Liliane Rodrigues Mota**

BELO HORIZONTE

Outubro de 2020

LILIANE RODRIGUES MOTA

ESTUDO SOBRE O LÉXICO AKWE XAKRIABÁ: UMA PROPOSTA  
DE ESCRITA E UMA CHAMADA PARA A REVITALIZAÇÃO DA  
LÍNGUA

Percurso acadêmico apresentado como pré-requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado do Curso de  
Formação Intercultural para Educadores Indígenas,  
Habilitação Língua, Artes e Literatura.

Orientador: Carlo Sandro de Oliveira Campos

BELO HORIZONTE

Outubro de 2020

ĂM KONY KONEK KĂNAYK ARI ĂNTĂ WĚ MKĂ KONEK KĂNKERÉ ARI  
ĂNTĂ KĂNKE AKWĂ ĪSIHĂ ĪSINĂ WAZA WAHUKU TÔKBURE RO ĪT WAK  
ZĚND TÔKA TEPZA KUĪKRE

‘Eu sou criança brincando e brincando eu aprendo tudo’

AKWĚ NORĪM KRĚKA

‘Eu sou do povo Xakriabá’

Meu nome é Liliane Rodrigues Mota, tenho 32 anos, sou casada com Rogério Ferreira Leite e tenho uma filha, Emêly Rodrigues Leite, que está com oito anos hoje. Moramos na aldeia Pindaíbas, localizada no território indígena Xakriabá.

No ano de 2016, eu comecei uma grande jornada nos trilhos que me conduziam a um grande sonho, o de ter uma formação em um curso superior.

Quando começo a falar da importância que foi para mim esse processo, é necessário voltar ao início de tudo. No mês de abril, quando eu recebi a notícia de que havia passado na prova, eu estava na reza de santa cruz, um festejo que todos temos aqui no território Xakriabá. Lá eu já me prostrei em agradecimento a Deus por ter me proporcionado ser uma entre os 35 selecionados. Aproveitei também para agradecer às lideranças que ali estavam presentes e que apostaram em mim quando assinaram em minhas declarações.

Num piscar de olhos, o mês de setembro chegou e meu coração já estava a mil, sem saber o que me esperava. Ao despedir da minha família, chorei muito. A minha filha estava ficando e só tinha 4 anos. Eu nunca havia me separado dela. Chegando na cidade mais próxima, onde íamos pegar o ônibus com destino a Belo Horizonte, uma cidade até então desconhecida para mim, encontrei ali pessoas desconhecidas e muitas já estavam emocionadas e isso me deixou um pouco aflita, pois, se aquelas pessoas que já tinham ido para lá estavam assim, imagina como eu vou me sentir? Eu até senti um certo arrepio, mas coloquei Deus na frente e fui pouco a pouco percebendo que aquelas pessoas ali não eram estranhas e sim importantes para mim e, se eu quisesse resistir a 5 semanas longe de casa e da família, eu teria que me agrupar a outra família. E foi exatamente assim, quando vi a preocupação que tinham conosco, que até então eram considerados novatos e incluíram a gente nessa grande família já organizada. Assim foi e seguimos viagem. Horas se passaram e parece que não ia chegar mais. Que viagem longa! Enfim, chegamos ao hotel. Nossa, e agora, com quem vou ficar? Foram tantas perguntas, mas as respostas foram mais rápidas que eu imaginava. Fui para o quarto 101 com a Bezinha, Zezinha e Aline. Uau, vamos lá, e eu fui por aquele corredor grande e frio. Nossa, será que vou conseguir? Bateu um frio na barriga e, chegando no quarto, imaginei como seria ficar ali por cinco semanas com pessoas com quem não tinha nenhuma intimidade. Meu Deus, ajude-me! Foi o que fiquei o tempo todo pedindo.

O primeiro dia na FAE/UFMG, no FIEI, Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, para cursar Línguas Artes e Literatura. Em um dia de assembleia de início de módulo, já notei que a extensão daquele ambiente em que estava. Quantas pessoas de diferentes etnias, nossa, quantos professores e bolsistas, e tudo já estava bem organizado, com representantes de turma que podiam nos ouvir, caso tivéssemos alguma dúvida. Tinham os coordenadores de turma. A nossa era a Maria Gorete e o coordenador do FIEI também era ela. Foram combinados os dias de rituais na FAE e assim tudo foi se encaixando na minha cabeça.

Aquela primeira semana para mim pareceu uma eternidade, o mês foi como se fosse um ano, mas enfim chegou a última semana e, com a ansiedade de ir embora, a sexta-feira nunca que chegava, mas enfim concluí um módulo maravilhoso, onde conheci pessoas diferentes e de diferentes aldeias e até de diferentes etnias. Os professores foram incríveis, nos tratando tão bem e com tanto respeito, carinho e dedicação que eu até pensei estar sonhando e um primeiro módulo. Isso só me fortaleceu para continuar em frente.

Não posso deixar de falar do ano difícil que foi o 2016, pois deu início a uma fase não muito boa para o FIEI, estava tendo cortes de verbas e isso era uma ameaça à continuidade do curso. Então, já entramos lutando para permanecer no curso e não fechar as portas para os próximos que viriam. A dimensão do FIEI e seus cursos, quantos anos de existência, quantas histórias e pessoas que por ali haviam passado. Tudo isso só foi conhecido por mim quando me fiz presente naquele ambiente chamado tão forte como

Faculdade de Educação, mas que o FIEI nos proporciona é algo muito importante, que é a ligação de nosso território com a faculdade.

E assim foi, os módulos foram passando e meus conhecimentos e admiração por aquelas metodologias de ensino tão voltadas aos nossos contextos foram aumentando de uma forma que nunca imaginava e fui assim, aprendendo as coisas de fora com a forte presença do nosso território, nossa cultura nossas tradições e costumes ali juntos.

Uma das coisas que mais me preocupou foi o nome TCC, assim que iniciou o módulo 2, nossa coordenadora já foi logo nos apresentando uma das principais metas e pediu que pensássemos no tema, e o que soava em meus ouvidos eram os cantos e a pergunta, eu sei de fato o que estou cantando, pois eu sentia a energia boa, a emoção, mas junto a ela, sempre a vontade de aprender mais da língua porque parece que falando ou cantando a língua Akwê Xakriabá algo do meu eu interior se revelava. Isso me levou a ir mais fundo em planos mais voltados ao estudo da língua Akwê, até porque não é mentira eu dizer que tinha pouco tempo que tive contato com algumas palavras, e foi em um curso de magistério realizado no próprio território Xakriabá.

Desde quando ouvi, me encantei e fiquei muito feliz em saber que temos muito para aprender. Eu tinha tudo na minha cabeça, mas era mais uma vontade de aprender e não pensava que seria um desafio tão grande e que antes de tudo eu teria que aprender muitas outras coisas antes e passar para o papel o que eu estava aprendendo não foi fácil, pois era aprender a ler, a escrever e a falar. Para tudo isso tem regra e uma usada antes de tudo aqui nos Xakriabá é a de ter paciência e saber lidar com o pouco de cada vez. Eu pensava em ter muito tempo pela frente para pesquisar muitas pessoas e construir um dicionário, mas me enganei, pois tinham muitas coisas que precisava entender e aprender antes e me enganei com o tempo porque passou muito rápido. E, com essa bagagem, vieram muitas dificuldades também. Às vezes me desesperava e cheguei a pensar em desistir do tema, mas Gorete, o meu orientador e o professor de cultura Pajé Deda, nome na língua Sirepté, me ajudaram a ver tudo com outros olhos. o Sirepté me ajudou bastante em tirar a ideia de desistir da cabeça e o seu apoio foi muito positivo e importante para continuar ir em frente. Eu vi então que aquele contexto era muito amplo e que não precisaria falar de tudo. Eu simplesmente começaria um trabalho pensando mais em motivar uma continuidade e mostrar a importância que tem a língua materna para o povo Xakriabá. Para realizar esse trabalho, fiz vários planos, mas todos, ou maioria, tiveram de ser adaptados. O encontro com algumas pessoas importantes para me ajudarem a desenvolver o trabalho sugerido por Sirepté não se concretizou por sermos de aldeias bem afastadas e porque nos dias em que iria dar certo, tivemos problemas para resolver em assembleias referente às escolas do território Xakriabá. Quando pensei que tudo ia normalizar, surgiu um vírus e o isolamento foi imposto a nós.

Então, meu orientador se fez muito presente, através dos meios de comunicação, e uma das dificuldades que tive a princípio foi o acesso à internet. Assim que resolvi, eram orientações atrás de orientações. Tudo estava encaminhando super bem, mas, quando fui abrir meu notebook, estava tudo escuro, ligava e desligava e nada, fiquei muito desesperada não sabia o que fazer. Tudo estava fechado por causa da epidemia e não sabia como iria arrumar um técnico para olhar meu notebook. Comecei a escrever no caderno e mandar para professor olhar, mas como isso não estava muito bom, no início da terceira semana sem notebook, eu entrei em contato com um amigo que me disse que estava indo à cidade e que poderia ver se alguém atendia ele lá. Foi quando pedi para que ele levasse meu computador. Fiquei aqui bem ansiosa esperando boas notícias e que infelizmente não recebi, pois não teve jeito, a placa mãe tinha queimado e para arrumar iria ficar muito caro. Começai a pegar com Deus mais ainda, porque tudo parecia estar desmoronando. Nessa hora, o meu orientador Sandro e a coordenadora da turma, Gorete, de novo tiveram

sábias palavras de incentivo e a Gorete e a Shirley sempre tentando buscar uma solução para meu problema.

Comecei a pesquisar quem próximo de mim teria um notebook que pudesse me emprestar e a Raquel me emprestou por uns dias e a Tamires por outros dias, mas elas também tinham trabalhos para fazer e depois de alguns dias, graças a Deus, e às pessoas maravilhosas esse problema foi resolvido e lá fui eu, mãos à obra, eu tinha muito para fazer ainda.

Mesmo concluindo este trabalho, deixo claro que esta é a primeira fase de um estudo da língua Akwe Xakriabá. A sua continuidade é o que mais almejo e espero ter contribuído e também servido de incentivo para um estudo futuro mais completo.

## AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos foram se multiplicando a cada dia que percorri no FIEI. Durante a minha trajetória, foram surgindo motivos e momentos de eterna gratidão a Deus, pois graças a ele eu conquistei, superei e venci. A minha família, pai, mãe, marido, filha, irmã, irmãos, cunhadas, cunhados, sogro, sogra, tios e tias, primos e primas, amigos e amigas e assim por diante, a todos que me apoiaram obrigado! Uma das conquistas foi a de ser contemplada no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) na turma de Língua Artes e Literatura (LAL). Conquistei também amigos e amigas na família Xakriabá, que junto a Deus, como meu alicerce, se tornaram minhas paredes me protegendo sempre que precisei com suas palavras de força. Conquistei professores maravilhosos, Josilley Francisco de Souza, Guilherme Trielli, Carlos Augusto Novais, Gilcinei Teodoro Carvalho, Marcos Scarassatti, Rodrigo Ednilson, Charles Cunha, Edgar Rodrigues e o Sandro, meu professor e Orientador, a quem devo muitos agradecimentos e principalmente desculpas por algo que possa ter feito que possa ter dificultado a sua missão de orientador. Às professoras maravilhosas, Lucinha, Clarice Alvarenga, Shirley Miranda, Ana Paula Vencato, Telma Silva, Ana Gomes, Amarílis Coragem, Michely, Francly e à Maria Gorete Neto, professora e coordenadora da turma LAL. A você, Gorete, meus eternos agradecimentos pois, lá no fundo, só Deus, eu e você sabemos das dificuldades que tive na escrita do trabalho de conclusão. Você me encaminhou para a solução sempre com essa calma me dizendo que eu iria conseguir. A vocês, professores, a minha eterna gratidão e aqui no meu coração e em minha história está a mais incrível participação de vocês. Aos bolsistas, também muito obrigado! E sintam todos o meu carinho e gratidão, porque não vou citar nomes, mas aqueles que se lembraram de mim com certeza serão os contemplados com minhas palavras, pois eu fui com a ajuda de vocês.

Agradeço também aos membros da minha banca, Deda, pelo apoio e considerações, e professor Fábio pelas importantes sugestões ao trabalho.

Eu superei as dificuldades que foram surgindo, as tristezas, as perdas de pessoas queridas e a distância dos familiares, de que vinha uma saudade tão doída. Também superei o medo de muitas coisas, inclusive a de não conseguir concluir.

Antes de dizer que venci, eu preciso dizer do quanto chorei até este exato momento em que escrevo este agradecimento. Eu choro porque não vou poder abraçar, olhar nos olhos, agradecer tantas pessoas que foram maravilhosas em minha jornada no FIEI. Mas sintam, em minhas palavras aqui relatadas neste texto, a força do meu abraço e o sentimento de minha eterna gratidão. Minha família Xakriabá para sempre, desde os que passaram, aos que continuam e aos que estão saindo. São tantos nomes para dizer, mas todos foram especiais. Tem aqueles que marcaram momentos inesquecíveis, Zezinha, Bezinha, Aline, Lia, Marlene, Bel, Mari, Paxinha, as amigas da pizza Lura, Vi, Zaura, Dineia, Laura; teve a galera do futebol, Polainy, Edilene, Diany, Edina, Cizinha, Val. Essas são as que agradeço em nome de todos, pois cada um dos que passaram, dos que acabaram de chegar e os que vão continuar, todos foram especiais!

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo descrever o estado atual da língua Xakriabá e a relação do povo com essa língua, apontando possíveis estratégias para a recuperação da língua e para o seu ensino nas escolas Xakriabá. O trabalho situa historicamente a situação dos povos indígenas em Minas Gerais, procura evidenciar o impacto da colonização sobre o povo Xakriabá e apresenta a classificação da língua no grupo Jê Central da família linguística Macro-Jê. A pesquisa descreve as características básicas da língua Xerente, por ser, historicamente, a língua mais próxima do Xakriabá, e procura comparar dados do Xakriabá com a língua Xerente. Finalmente, a pesquisa discute algumas escolhas gráficas feitas até então pelo povo Xakriabá e sugere alternativas que possam contribuir para o aprendizado da língua.

Palavras-chave: Língua Akwê Xakriabá, Xerente, revitalização, léxico, gramática, ensino.



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

1 – Primeira pessoa

2 – Segunda pessoa

3 – Terceira pessoa

DUAL – Dual

ENF – Ênfase

ERG – Ergativo

HAB – Habitual

IMP – Imperfectivo

IRRE – Irrealis

NEG – Negação

NSING – Não singular

PERF – Perfectivo

POSP – Posposição

PRED – Predicativo

R – Relacional

REAL – Realis

SING – Singular

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – POVOS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS.....	14
TABELA 2 – POVOS E LÍNGUAS .....	15
TABELA 3 - ANIMAIS .....	18
TABELA 4 – PARTES DO CORPO .....	19
TABELA 5 - PARENTESCO .....	20
TABELA 6 – ELEMENTOS DA NATUREZA .....	20
TABELA 7 - CORES .....	21
TABELA 8 - ATRIBUTOS.....	21
TABELA 9 – EXPRESSÕES CORRIQUEIRAS .....	22
TABELA 10 – FRUTAS E CEREAIS .....	22
TABELA 11 – NOMES DAS ALDEIAS EM XAKRIABÁ .....	28
TABELA 12 – LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ .....	36
TABELA 13 – CORRESPONDÊNCIA CCV - CV.....	38
TABELA 14– CORRESPONDÊNCIA CCV - CCV .....	39
TABELA 15 – CORRESPONDÊNCIA VELAR SURDA – VELAR SONORA .....	39
TABELA 16 – CORRESPONDÊNCIA SEMIVOGAL - VOGAL PLENA .....	39
TABELA 17 – CORRESPONDÊNCIA SEMIVOGAL - VOGAL PLENA .....	40
TABELA 18 – MARCADORES SÉRIE B.....	40
TABELA 19 – PRONOMES DA SÉRIE B EM XAKRIABÁ.....	41
TABELA 20 – MORFEMAS DERIVACIONAIS.....	42
TABELA 21 – PRONOMES PESSOAIS LIVRES .....	43
TABELA 22 – MARCADORES A TAMP E MARCADORES B.....	45
TABELA 23 – FONEMAS CONSONANTAIS .....	57
TABELA 24 – FONEMAS VOCÁLICOS .....	58
TABELA 25 – NUMERAIS EM XAKRIABÁ E EM XERENTE.....	66

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
<b>1. OBJETIVOS GERAIS.....</b>	<b>12</b>
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
JUSTIFICATIVA.....	12
METODOLOGIA.....	13
<b>CAPÍTULO 1 - POVOS E LÍNGUAS DE MINAS GERAIS.....</b>	<b>14</b>
1.1 O POVO XAKRIABÁ E SUA LÍNGUA .....	15
<b>CAPÍTULO 2 - O ESTADO ATUAL DA LÍNGUA AKWE XAKRIABÁ.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 3 - O ADVENTO DA ESCOLA INDÍGENA, A VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA E A POSSIBILIDADE DE REVITALIZAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
3.1 A LÍNGUA AKWÊ E O ENSINO NAS ESCOLAS.....	33
<b>CAPÍTULO 4 - OS POVOS AKWÊ.....</b>	<b>35</b>
4.1 A LÍNGUA AKWÊ.....	36
4.1.1 CORRESPONDÊNCIAS FONÉTICAS E GRAMÁTICAS ENTRE O XAKRIABÁ E O XERENTE.....	38
<b>CAPÍTULO 5 - PONTOS DE GRAMÁTICA XERENTE.....</b>	<b>42</b>
5.1 PRONOMES PESSOAIS E MARCADORES DO XERENTE.....	43
5.2.1 ALINHAMENTOS DOS ARGUMENTOS (S), (O) E (A) EM XERENTE.....	50
<b>CAPÍTULO 6 – A GRAFIA DO AKWÊ XAKRIABÁ: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO DE REVITALIZAÇÃO.....</b>	<b>55</b>
6.1 A LISTA DE MARTIUS: POSSÍVEIS DIFERENÇAS ENTRE XAKRIABÁ E XERENTE .....	58
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69

## INTRODUÇÃO

A língua Akwê é muito importante para o povo Xakriabá e representa nossa identidade indígena e uma história de sofrimentos, perdas, e traumas, mas, ao mesmo tempo e um percurso de lutas que tiveram como frutos grandes conquistas. A língua Akwê é por isso considerada pelo povo como a sua língua materna, a língua que nunca foi completamente esquecida, embora, na prática, todos há muito tempo usamos o português como língua materna.

No decorrer do trabalho, usei muito a definição de Akwê Xacriabá, e foi uma opção própria a de me referir à língua Akwê como Akwê Xakriabá. Isso foi feito com o objetivo de diferir a nossa língua das outras variedades Akwê.

Falar do processo histórico por que passou o povo Xakriabá e também da consequente perda da língua foi um grande desafio, mas esse desafio não pode ser comparado com os desafios que tiveram nossos antepassados, pelo sofrimento por que passaram ao serem, por exemplo, proibidos de falar a sua língua. Hoje, se temos oportunidade de usar a língua, ainda que de forma limitada, foi graças à luta incansável dos nossos antepassados, que não desistiram de afirmar sua identidade. Por isso, conhecer a nossa origem e procurar saber como nossos antepassados falavam é buscar entender como era nossa língua e tentar recuperá-la, restabelecendo o seu uso por nossos parentes é um dever nosso a ser cumprido.

O desejo de compreender a língua Akwê Xakriabá além daquelas palavras que às vezes ouvia alguém falando ou sendo entoadas nos rituais foi uma das motivações para escrever este trabalho. Já não seria a hora de conhecer melhor nosso passado, entender o motivo de nossa língua pertencer a uma família e a um tronco linguístico e o que podemos fazer para falarmos novamente a língua ancestral como nossos antepassados? A ideia de escrever sobre o tema surgiu então a partir da constatação do pouco uso da língua entre a maioria dos Xakriabá. O que chamo de uso aqui abrange desde o uso corriqueiro de expressões de saudação e de palavras isoladas até saber cantar canções em Akwê. Essa última capacidade não significa, porém, como irei mostrar adiante, falar a língua, como se fala o português. O motivo disso e o caminho para mudar essa situação eu procurarei apontar neste trabalho.

No atual momento em que estamos, surgiram muitas oportunidades para colocar o nosso diferenciado a vista pra todos sem nenhum medo nem proibição, a ideia da língua

Akwê Xakriabá nas escolas é um entre as demais demandas que o povo tem conquistado e esse espaço é muito importante pra o processo de revitalização da mesma.

Um sábio professor de cultura Xakriabá explicita bem ao dizer: “O processo de silenciamento de nossas falas deixou uma ferida profunda que até hoje dói em quem nunca sentiu a dor, mas conviveu com a história da dor.”

O fato de toda população indígena Xakriabá falar português atualmente levou a um certo adormecimento da língua Akwê por quem ainda falava, a um esquecimento por quem chegou a conhecer e a um desconhecimento por quem nem chegou a conhecer. Os anos se passaram e com eles foram também muitas vidas de falantes da língua materna Xakriabá.

Alguns parentes tiveram a oportunidades de registrar falas de antepassados ainda vivos, que apresentaram algumas palavras da língua, como o vocabulário de José Alves que foi realizado mais com registros de falas de seus parentes mais velhos que falavam na língua Akwê e o vocabulário de Jair Somõri Xakriabá, que fez uma pesquisa maior realizada no povo Xerente. Os dois vocabulários apresentam palavras semelhantes outras completamente diferentes e só tive acesso limitado aos dois.

Nesta pesquisa, recolhi o vocabulário recuperado pelos parentes e apresento uma lista registrada pelo viajante alemão Eschwege. Essa lista foi comentada mais tarde por outros dois viajantes europeus, o francês Saint Hilaire e outro alemão, Karl Friedrich Philip von Martius. A versão empregada foi a de Martius, referido doravante como Martius (1867), por ser mais atual em relação às outras. Esse léxico original levantado foi disposto em listas separadas por campos semânticos diferentes.

De posse de parte das duas listas feitas pelos parentes José Alves e Jair Somõri e tampem com a lista de Martius (1867), procurei encontrar regularidades fonéticas e gramaticais que dariam uma ideia de como era o Akwê Xakriabá em relação às outras línguas Akwê. A partir dessas regularidades, obtive uma espécie de filtro Xakriabá e propus então uma comparação entre as variedades Akwê, o Xakriabá e o Xerente. O motivo de incluir o Xerente é simples, esta língua, pela proximidade que tinha com o Akwê Xakriabá, é hoje a nossa única referência lexical e gramatical Akwê, já que boa parte do conhecimento que tínhamos sobre o Akwê Xakriabá se foi com os últimos falantes, com exceção das referidas listas de José Alves e Jair Somõri. Por isso, qualquer iniciativa de ampliação do léxico Akwê-Xakriabá deverá vir do Akwê-Xerente, assim como o conhecimento gramatical ainda a ser descoberto. Esse movimento então do Xerente para o Xakriabá precisa ser feito considerando o filtro Xakriabá, ou seja,

considerando as regularidades do Akwê Xakriabá que o diferenciavam em relação às outras variedades do Akwê, Akroá, Xerente e Xavante. Esse é um dos objetivos do meu trabalho, além de apresentar o estado atual da língua. Buscamos mostrar o que deve ser considerado sobre o Akwê-Xakriabá antes de incorporar palavras do Xerente no necessário trabalho de revitalização da língua.

As regularidades encontradas no Xakriabá permitiram também propor uma grafia que seja mais coerente aos sons produzidos pelos falantes Xakriabá, pois a grafia atualmente usada tem uma forte influência Xerente, não refletindo assim a realidade fonética do povo Xakriabá. Neste trabalho, procurei mostrar algumas características gramaticais da língua Akwê Xerente para que sejam consideradas no processo de revitalização do Akwê Xakriabá, Por não ser o objetivo do trabalho descrever a língua Xerente, apenas quis abordar algumas questões que podem ser importantes para o conhecimento de algumas características de uma língua da família Jê, como o uso de posições, a expressão de aspecto e a marcação do caso Ergativo. O meu desejo é que essas informações sejam úteis nos trabalhos de revitalização da língua Akwê-Xakriabá.

O meu desejo é que este trabalho possa inspirar os mais jovens a valorizar nossa língua e que isto desperte neles a vontade de aprender cada vez mais novas palavras do Akwê e fazer que essa semente que foi plantada pelos nossos antepassados possa brotar com vitalidade nas próximas gerações.

## 1. OBJETIVOS GERAIS

Descrever o estado atual da língua Akwê-Xakriabá, seu uso pela comunidade e sua relação com o Akwê-Xerente.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

(1)

Organizar listas de palavras do Xakriabá por campo semântico e procurar a partir dessas palavras descrever estruturas gramaticais da língua nela contidas que possam ser depreendidas.

(2)

Descrever aspectos básicos da língua Akwê Xerente para fins de comparação com dados da língua Xakriabá.

(3)

A partir da análise das listas vocabulares e da comparação com o Akwê-Xerente, procurar propor uma grafia adequada para a língua Akwê Xakriabá, eliminando sons distantes do português e grafias que possam dificultar o aprendizado da língua pelo povo Xakriabá.

### JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica por procurar recuperar informações sobre a língua Xakriabá, que deixou de ser falada por causa do violento processo de colonização. Os resultados desta pesquisa poderão ser úteis aos professores de língua Xakriabá, assim como para projetos futuros relacionados à revitalização da língua.

Espera-se que este trabalho possa inspirar os mais jovens a valorizar nossa língua, despertando neles a vontade de aprender cada vez mais novas palavras do Akwê e fazer essa semente que foi plantada pelos nossos antepassados possa brotar com vitalidade nas próximas gerações.

## METODOLOGIA

Este trabalho foi baseado em pesquisa de palavras em vocabulários da língua Akwê-Xakriabá em artigos, dissertações e teses. As palavras encontradas foram separadas por campos semânticos e comparadas com palavras do Xakriabá registradas por Martius (1867), e analisadas com o objetivo de resgatar traços de informação gramática



## CAPÍTULO 1 - POVOS E LÍNGUAS DE MINAS GERAIS

No espaço que se denomina hoje Minas Gerais, existiram cerca de 170 povos indígenas segundo Senna (1937). Não havia fronteiras entre estados e nem cidades, mas um contínuo de vegetação nativa de diferentes biomas, um em transição com o outro, como Mata Atlântica, Campos de altitude, Cerrado e Caatinga. Os povos indígenas transitavam por trilhas milenares entre Minas Gerais e o espaço que hoje pertence a outros estados, estabelecendo contatos com os povos vizinhos, realizando trocas e eventualmente disputando territórios. Os próprios Xakriabá, embora sejam localizados por Senna (1937) no estado de Goiás, frequentavam a região hoje chamada de Triângulo Mineiro, outrora pertencente a Goiás<sup>1</sup>, ao lado dos Akroá, de quem eram rivais, dos Kayapó e dos Cataguá, este último povo tradicionalmente mencionado, mas nunca documentado.

Por conta do processo colonizatório, tais povos foram dizimados ou assimilados e deles sobraram poucos representantes. Atualmente em Minas Gerais são reconhecidos quatorze povos indígenas<sup>2</sup>. Segue sua identificação e localização:

TABELA 1 – POVOS INDÍGENAS DE MINAS GERAIS

	POVO	LOCALIZAÇÃO	ORIGEM
1.	Aranã	Araçuaí, Coronel Murta, BH	MG
2.	Catu-Awá-Araxá	Araxá	MG
3.	Kaxixó	Pompéu e Martinho Campos	MG
4.	Kariri	Coronel Murta, Araçuaí	PE
5.	Krenak	Resplendor	MG
6.	Maxakali	Ladainha, Teófilo Otoni, Bertópolis, Santa Helena de Minas	MG
7.	Mucurim	Campanário	MG
8.	Pankararu	Araçuaí, Coronel Murta	PE
9.	Pataxó	Carmésia, Governador Valadares, BH	BA
10.	Pataxó Hãhãhãe	Bertópolis, BH	BA
11.	Puri	Araponga, Barbacena	MG, RJ, SP
12.	Tuxá	Coronel Murta, Araçuaí	PE
13.	Xakriabá	São João das Missões	GO, MG
14.	Xukuru-Kariri	Caldas, MG	AL

<sup>1</sup> O território Xakriabá cobria vastas extensões de terra localizadas entre os estados de Goiás, Norte de Minas, Pernambuco e Bahia.

<sup>2</sup> Até as primeiras décadas do século XX ainda havia em Minas outro povo, os Caiapó do Sul no Triângulo Mineiro, cuja língua pôde ser minimamente registrada em 1911 por Barbosa (1918).

Desses catorze povos, apenas um tem outro idioma como língua nativa, os Maxakali. Os demais povos, com exceção dos Krenak, que aparentemente ainda falam o Krenak como segunda língua, usam exclusivamente o português, embora alguns deles já comecem a desenvolver ações para a recuperação da língua nativa, conforme mostra o quadro:

TABELA 2 – POVOS E LÍNGUAS

POVO/LÍNGUA	LÍNGUA ORIGINAL	LÍNGUA HOJE	RESGATE
Aranã	Borum	Português	Não
Catu-Awá-Araxá	Wakona/Karapotó (?) <sup>3</sup>	Português	Não
Kaxixó	Puri/Katagwá (?)/Koropó	Português	Sim
Kariri	Wakona/Karapotó (?)	Português	Não
Krenak	Borum	Português/Borum	?
Maxakali	Maxakali	Maxakali	-----
Mucurim	Borum	Português	Não
Pankararu	Pankararu (?)	Português	Não
Pataxó	Pataxó	Português	Sim
Pataxó Hãhãhãe	Pataxó Hãhãhãe	Português	Sim
Puri	Puri	Português	?
Tuxá	Tuxá (?)	Português	Não
Xakriabá	Akwê-Xakriabá	Português	Sim
Xukuru-Kariri	Wakona/Karapotó (?)	Português	Não

Como se pode ver no quadro acima, apenas os povos Maxakali e Krenak ainda usam sua língua. Os demais povos apenas usam o português, embora cinco deles já desenvolvem ações para recuperar sua língua. Dessas ações, a mais conhecida é a dos Pataxó, cuja língua, rebatizada como Patxohã, está em adiantado processo de revitalização (cf. Bomfim (2017), conforme irei mostrar adiante. Também o povo Xakriabá nos últimos anos tem intensificado os trabalhos de recuperação da língua. Tratarei primeiro sobre o povo Xakriabá e em seguida falarei sobre a situação da língua Akwê Xakriabá e mais adiante sobre os trabalhos de revitalização.

### 1.1 O POVO XAKRIABÁ E SUA LÍNGUA

Por meio de leituras de documentos e de pesquisas nos sites PIB, ISA e Cedefes encontrei um pouco dos dados de histórias da origem do xakriabá. Segundo essas fontes, no período pré-colonial, havia duas capitânicas, a de Pernambuco, que era à margem esquerda do rio São Francisco, e a da Bahia, à margem direita do mesmo rio. Os Xakriabá localizavam-se nessa época na região que abrangia a capitania de Pernambuco, até que

<sup>3</sup> Alguns povos, como os Catu-Awá-Araxá, são oriundos de aldeamentos e reduções missionárias, em que vários povos conviviam juntos, tornando a identificação das suas línguas nativas antigas quase impossível.

houve missões jesuítas nessa capitania e, a partir daí, os Xakriabá passaram a ser aldeados, começando assim uma longa fase de colonização. Nessa condição, foram obrigados a falar português e a adotar a religião católica.

Quando se procura conhecer um pouco da história das etnias do Brasil, é impossível não encontrar fases de sofrimento, de lutas e de mortes na trágica trajetória da colonização. Ao tentar encontrar espaços para habitarem, os Xakriabá, ainda no século XVIII, depararam, no norte de Minas Gerais, com o Matias Cardoso de Almeida que, com muitos atos de violência, acabou causando a morte de muitos índios Xakriabá.

De acordo com o site PIB Socioambiental, o filho de Matias Cardoso, Januário Cardoso de Almeida, doou um pedaço de terra para os Xakriabá que estavam na região, mas, em contrapartida, os índios tinham que trabalhar para ele. Ainda segundo o site, essas terras doadas chegaram a ser registradas em cartório, mas, em 1850, teve de ser devolvida para o governo da época por causa da criação da Lei de Terras, que não favorecia os índios em nenhuma instância. Em decorrência de tudo isso, em 1927, ocorreu o primeiro grande conflito na região de Rancharia. Nele, os fazendeiros fizeram uma cerca em torno do território Xakriabá, sendo que alguns índios foram obrigados a ajudar na construção dessa cerca. Já ouvi muitas falas de nossos mais velhos a respeito dessa cerca e uma das registradas foi:

*"Nós Xakriabá, revoltados com essa atitude, fizemos um mutirão e colocamos fogo na cerca, e alguns índios morreram nesse episódio. Demos o nome a essa cerca de 'curral de vara'".*

Em 1940, criou-se uma nova lei, pela qual o proprietário precisava ter registro de compra da terra. Os Xakriabá não possuíam esse documento devido ao fato de a terra ter sido doada. Então, a terra passou a ser devoluta novamente. Ao se organizar e correr atrás de providências para ter a posse da terra legalmente, a comunidade contribuiu com dinheiro para que as lideranças pudessem viajar para o Rio de Janeiro em busca de apoio, de ajuda e de informações que pudessem nos ajudar. A esse respeito, segundo Deda, liderança Xakriabá:

*"Cheguei conhecer pessoas que participaram dessa organização e um deles foi bem claro em dizer que arma que deram a vitória a eles foi o canto na língua*

*Akwe Xacriaba porque quando eles começaram a cantar em língua Akwê os homens de terno começou dizendo: eles são índios de verdade”.*

É de grande conhecimento para nosso povo a importância de todos que participaram nas denúncias de invasões no território Xakriabá, mas as que mais se destacaram foram as lideranças sr. Rosalino e sr. Rodrigo, mas conhecido como Rodrigão.

Em 1978, a Funai criou o Grupo Técnico (GT) para identificar a terra Xakriabá e só depois de nove anos a Funai começou o processo de homologação do território. Nesse período, aconteceu uma chacina dentro do território, que ainda não era homologado. Nessa chacina, jagunços a mando de grileiros assassinaram três lideranças indígenas, entre elas Rosalino. Depois disso, tivemos nossa terra demarcada, mas Rancharia ficou de fora e nosso povo não desistiu de lutar. A TI Xakriabá de Rancharia só foi demarcada em 2000, com muita luta e esforço dos mais velhos.

O território indígena Xakriabá localiza-se no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais segundo o censo demográfico de 2000, tem uma população de 9.190 indivíduos espalhados em aproximadamente 46 mil hectares de terra e divididos em 36 aldeias.

## CAPÍTULO 2 - O ESTADO ATUAL DA LÍNGUA AKWE XAKRIABÁ

Como comentei no capítulo anterior, no estágio atual de revitalização, o Akwê apresenta-se mais robusto em sua parte lexical, pois da gramática do Akwe-Xakriabá infelizmente não há registro conhecido. Por causa disso, exceto por algumas frases de que lembraram os anciãos, elaborar frases em Akwe-Xakriabá é uma tarefa difícil a ser empreendida, pela pouca informação gramatical do Akwê até o momento reunida e pela falta de intimidade que a comunidade tem com a forma de uma nova língua, muito diferente do português. Por serem os Xakriabá parentes próximos dos Xerente, a ideia é tomarmos como modelo a língua Xerente para ampliar nosso léxico, inclusive com a imersão de uma família na TI Xerente, como comentei no capítulo anterior.

Como mostrarei neste capítulo, professores de Akwê-Xakriabá tiveram a iniciativa de escrever letras de canções em Xakriabá, todavia, precisamos ampliar ainda mais o léxico da língua e estruturar a gramática mais intensamente para que possamos de fato usar a língua em gêneros de textos diferentes, especialmente na escola.

A partir de pesquisa realizada nos materiais sobre a língua usados na escola, consegui identificar muitos vocábulos recolhidos com anciãos Xakriabá. Infelizmente, tive acesso apenas parcial a esse vocabulário, pois há um sigilo envolvido.

Além dessas listas, há também empréstimos do Xerente que estão sendo introduzidos nos materiais destinados ao ensino da língua nas escolas. Os vocábulos que consegui levantar, oriundos do vocabulário Xakriabá ou de empréstimos do Xerente, foram dispostos em tabelas de acordo com seu campo semântico, como mostro a seguir:

TABELA 3 - ANIMAIS

ANIMAIS	
PORTUGUÊS	AKWÊ
Akkpre	Jacu
Ãmotrore	Inhambu
Askû	Abelha-borá
Azã	Coruja/Caburé
Brunsi	Moco
Bukimuju	Veado/bicho do mato
Guânk	Gavião
Honpākāyn	Codorna
Kadaiô	Porco do Mato
Kadaiô-kriô	Tamanduá- bandeira
Kaitê	Teiú
Kentyn	Quem-quem
Kon-Hoynk	Galinha d'Água
Krawa	Paca
Krdia	Arara

Kro	Macaco
Krubã	Preá
Krunpokrporê	Tapiti
Kuto	Anta
Mãbuka	Abelha
Nôkriô	Tamanduá-mirim
Nuhintã	Juriti
Pãntchota	Caititu
Ponê	Veado mateiro
Ponkêrê	Veado-catingueiro
Schika	Galinha
Soujari/Subzari/suzari	Cavalo
Teora	Galo
Tukã	Tatu peba
Tupé	Peixe
Tuxã	Tatu
Tuxã	Tatu preto
Uku	Onça
Warkdi	Seriema
Wiki	Perdiz
Xuny-Xãnk	Bem te vim

TABELA 4 – PARTES DO CORPO

PARTES DO CORPO	
D´Ateá	Perna
D´atomong	Barriga
Dabdu/D´putu	Pescoço
Dadu	Ventre
Dahã	Corpo/pele
Daipokri/Dapokri	Orelha
Daisdawa/D´atohá	Boca
Dakawa	Dente
Dakrã/D´Agrang	Cabeça
Danõito	Língua
Dapainõ/Dapa	Braço
Dapkê	Coração
Dapra	Pé
Daputu	Peito
Daskri/D´Aigri	Nariz
Daskri/D´Aigri	Nariz
Datomã/Ayto Dadamá	Olho
Dazahi/D´Ahaschi	Cabelo
Dazdapda	Queixo
Dazdaptanĩ	Bochecha
Dazdawa Hã	Beijo/lábios
{D-}azipkra/D´ashiprica	Mão/Dedo
{S-}azipkra Hi	Dedo da mão

TABELA 5 - PARENTESCO

PARENTESCO	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Angrata	Avô /Avó
Asĩmhi	Cunhada/cunhado (irmã do esposo/esposa)
Dakârêwa	Cunhado (irmão esposo/esposa )
Nachatari	Mãe
Mamang	Pai
Bocotong/bicong	Filha
Ingrá	Filho
Dakra	Filho/filha
Dakumrê	Irmão
Damãprêwa	Sogro/Sogra
Bremĩ	Sobrinho
Inscgiutú	Tio
Datkûrê	Tia

Alguns exemplos são interessantes porque ocorriam no ritual do casamento. Hoje em dia, a noiva geralmente tem padrinhos, madrinhas e companheiros, mas, segundo o professor de cultura, Jose Araújo, mais conhecido como Deda, no casamento realizado pelos nossos antepassados, o principal convidado da noiva tinha de ser alguém muito especial para ela, porque, a partir do convite, ela o chamaria de tio pra sempre, chamado na língua por ela de **NOKREKWA** e pelo noivo de **AIMÔPRÊ**. O tio tinha toda a responsabilidade de realizar a festa e este a chamava a noiva de **KREMZU**, ou seja, sobrinha. O pai da noiva chamava o genro de **ÍZAKMÔ**.

TABELA 6 – ELEMENTOS DA NATUREZA

ELEMENTOS DA NATUREZA	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Kuú	Água
Awê	Amanhecer
Kone Kane	Arco
Oté	Árvore
Awêre	Dia (durante o dia)
Oitomorim	Estrela
Akwã	Ceu
Etiké	Flecha
Deçu	Folha
Kusché	Fogo
Oá/Wa	Lua
Sidarpe	Pena
Tica/Trua	Terra

TABELA 7 - CORES

CORES	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Pte/ptedi	Amarelo
Kuzerã	Azul
Kuzerã dkâ	Azul escuro
Oipredé	Vermelho
Pre/dkã	Vermelho escuro
Kuzerã	Verde
Kuzerã ka	Verde Claro
Kuzerã dkâ	Verde escuro
Wakrdú	Preto

As cores para preto *wakrdú* e vermelho *oipredé* são muito importantes para os Xakriabá, pois são representadas nas nossas pinturas pelo jenipapo e pelo urucum. Como podemos observar na tabela, as cores *azul* e *verde* têm a mesma designação. Isso é muito comum em línguas indígenas, provavelmente por, no ambiente natural, o azul e o verde serem indefinidos, tendo matizes variadas que impedem um limite claro entre uma cor e outra. As palavras para cores foram retiradas do dicionário escolar Akwê Mrmêze. Xerente-Português e Português-Xerente. As cores são ensinadas na escola, e esse dicionário é uma referência dos professores.

TABELA 8 - ATRIBUTOS

ATRIBUTOS	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Aymoapté/zawré	Grande
Ayewté	Pequeno
Dapside	Bonito
Ambá	Homem
Dapang	Membro masculino
Ora djoyka	Homem branco
Ora djura	Homem negro
Dagri	Membro Feminino
Pikon	Mulher
Aymaman	Menino.
Pakolong, Pikong	Minha filha (vocativo).
Kuhinã	Criança
Ayikuté Kuhinã	Criança (neném)
Tarê	Criança maior (feminino)
Turê	Criança maior (masculino)
Kuhinêi xuêi	Criança de colo



TABELA 9 – EXPRESSÕES CORRIQUEIRAS

EXPRESSÕES CORRIQUEIRAS	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Habiãnk	Bom dia
Haithand	Boa tarde
Haimponot	Boa noite
Têhrêê	Obrigado (fala masculina)
Têhazetê	Obrigado (fala feminina)
Ariântã	Obrigado (ambos os sexos)
Arêkto/Arêkba	Vamos! (exortativo para a fala masculina)
Azêkto /Azêkba	Vamos! (exortativo para a fala feminina)
Uktu/Ëwi	Venha cá (exortativo para ambos os sexos)

TABELA 10 – FRUTAS E CEREAIS

FRUTAS E CEREAIS	
AKWÊ XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Krito	Mangaba
Moikotorã	Caju
Nõrõ	Coco
Nõrõindê	Pé de coco
Pizu	Buriti
Wdê Krepa	Manga
Wdê Kukrã	Melancia
Âmsi	Abacaxi
Kuzapo	Abobora
Kakrã	Batata
Kõrõ	Arroz
Amiotsché	Banana
Hespokrã	Banana
Kupaschú	Farinha

A partir dessas palavras, procurarei também apresentar alguns traços da gramática do Xakriabá contidos em algumas construções que puderam ser identificadas nas palavras/expressões do vocabulário. A seguir apresento algumas canções que temos em Akwê Xakriabá. Os cantos são uma das principais ferramentas de uso da língua para o povo Xakriabá. A princípio, os cantos realizados em rituais eram em completo e total sigilo, mas, pouco a pouco, as palavras do Akwê neles utilizadas foram sendo reconhecidas e repassadas para os mais novatos participantes na época. Nos rituais, costumamos fazer as orações e alguns cantos, todos em Akwê. Elenco alguns dos cantos que consegui levantar. Alguns consegui traduzir, mas outros não me foi possível efetuar a versão para o português.

## CANTO 1

Wykitu (3x)  
 Venha cá (3x)  
 Intsche tonegry tonegry (bis)  
 É bom cantar (bis)  
 Wykitu estrago oá ticá akwã wykitu (bis)  
 Venha cá sol lua terra povo Venha cá (bis)

## CANTO 2

Kankehe ui hemeriton cusupschi  
 Deus me da um colar  
 Kankehe ui hemeriton takuraté  
 Deus me da uma Saia  
 Kankehe ui hemeriton etyké  
 Deus me da uma flexa  
 Kankehe ui hemeriton kone kané  
 Deus me da um arco  
 Ahiantã kankehe akwã  
 Obrigado Deus do céu  
 Hei hei kankehe ahiantã (bis)  
 Deus obrigado

## CANTO 3

Aykã unku (bis) hõhõ  
 Onça vem aqui cantar hõhõ  
 Wykitu nigry (bis)  
 Venha cá cantar (bis)  
 Intsche (bis) hõhõ  
 é bom (bis) hõhõ  
 Intsche nigry (bis)  
 é bom cantar (bis)

Aykã unku unku  
 onça  
 wykitu nigry(bis)  
 vem cá cantar (bis)

## CANTO 4

Waynorintõ xakriabá(bis)  
 Nos somos xakriabá(bis)  
 Waynorintõ uwe aktabi (bis)  
 nos somos índio verdadeiro(bis)

## CANTO 5

Wykitu intsche degrã (bis)  
 Venha cá é bom mulheres  
 Wykitu wykitu (bis)  
 Venha cá(bis)  
 Wykitu dagry ambá oipredé (bis)  
 Venha cá mulher homem vermelho  
 Kuhinã wykitu hõhõ (bis)  
 Vem cá criança (bis) hõhõ

## CANTO 6

Nandoã hã (bis)

Huminixã hãhã nandoã (bis)

Haruá mundury mandassaia uruçu raiz de imbu nandoã jatai (bis)

“Eu sou da natureza eu sou de tudo um pouco) sentido dessa música. Por exemplo eu sou índio e me alimento das coisas da natureza“

## CANTO 7

Oaito oaito oaito dadamá (bis)

Debá psedy tonegrykaroá (bis)

Hei hei hei heá (bis)

Debá psedy tonegry karoá (bis)

“Se referindo a uma moça do olho bonito que canta”.

## CANTO 8

Odekrantizé odekratizé (bis)

Heia hiea heia heia heia há (bis)

“No sentido que o fruto é bom, serve para tinta além de alimento e protege a pele de insetos e bichos peçonhentos.”

## CANTO 9

Wá wá (bis)

Tonegry akwã hei hei hei wá (bis)

“se referindo a lua que canta no céu“

Mamang nchatari (bis)

Angrata bikong hintã ingrá (bis)

Wykitu nigry hõhõhõhõ (bis)

“Se refere ao membros da família , cantando para a filha.“

## CANTO 10

Akwem humininixã tonegry

Huminixã, huminixã

Kankehe nakoak bukinuk etyke (bis)

Huminixã baikong bikong (bis)

Oaytomorim kankehe amioá (bis)

## CANTO 11

Wykitu wykitu wykitu (bis)

Intsche tonegry tonegry (bis)

Wykitu estrasgó oá ticá akwã wykitu (bis)

## CANTO 12

Ahumana põtbo (bis)

Zaro a kruaiza kroatá (bis)

Zaro a kruaipã (bis)

## CANTO 13

Teneokãñãk duã naygrá (bis)

Dein kehé duã huninixã (bis)

Doã foi kim hõhõhõhõ (bis)

## CANTO 14

Nandoã hã (bis)

Huminixã hãhã nandoã (bis)

Haruá mundury mandassaia uruçu raiz de imbu nandoã jatai (bis)

## CANTO 15

Wazar sonomonokré (bis)

Waytepozawré hahay intsche (bis)

## CANTO 16

Odekrantizé odekratizé (bis)

Heia heia heia heia heia há (bis)

## CANTO 17

Akwe huminixã tonegry ukã kankehe tupã (bis)

Wykitu nutuhu huminixã (bis)

Tupã hytã cipredé (bis)

Wykitu nutuhu huminixã (bis)

## CANTO 18

Nã doã paraiá nã doã huminixã (bis)

Heia heia heia(12x)

Nã doã caipora hintã gõny deym kãynkã (bis)

Heia heia heia(12x)

Já kãynkã uku hintã cudaió (bis)

Heia heia heia(12x)

## CANTO 19

Ahiantã, aymoapte mamang akwã (bis)

Hitãk aykã aymoapte nchatari ticá (bis)

Teneo krãdekã heia heia heia ahiantã (bis)

## CANTO 20

Watō todacity todacity caburō (bis)

Teharete todacity caburō (bis)

Watō psedy psedy takāre (bis)

Teharete psedy takāre (bis)

## CANTO 21

Oaito oaito oaito dadamá (bis)

Debá psedy tonegry karoá (bis)

Hei hei hei hei hei há (bis)

Debá psedy tonegry karoá (bis)

## CANTO 22

Nakroá nakroá nakroá hei nakroá (bis)

Nakroá nakroá nakroá hei nakroá (bis)

## CANTO 23

Harua kroatá harua krotá huminixā (bis)

Nā doā hō huminixā hō (bis)

## CANTO 24

Nā doā grirō pāki

Nā doā huminixā

Nā gōny sasari

Nuntun pākinā tomang (bis)

Barue kiriri ō reina reina

Barue kiriri ō reina reina

Ō korne kane e etyké nassari pātsotá hintā uku hintā churé (bis)

Barue kiriri ō reina reina

Barue kiriri ō reina rei

## CANTO 25

Wá wá (bis)

Tonegry akwā hei hei hei wá (bis)

## CANTO 26

Wykitu

Ahãkyã (3x)

Wykitu

Ahãkyã(3x)

Intsche tonegry kumpãk tunãkã ahãkyã (bis)

Hei hei ahãkyã ( ambá)/(homem)

Hei hei ãhã kyã ( pikõ)/(mulher)

## CANTO 27

Mamang nchatari (bis)

Angrata bikong hintã ingrá (bis)

Wykitu nigry hõhõhõhõ (bis)

Teneokã huminixã ahiantã kankehe akwã

No capítulo 6, comentarei alguns aspectos da grafia Xakriabá para defender que a grafia empregada pode ser melhor adaptada para a fonologia do português, a língua nativa atual do povo Xakriabá, com o objetivo de facilitar o aprendizado da língua. Estes cantos deverão assim ser revisados para que as mudanças propostas possam ser incorporadas nos textos.

O povo Xakriabá tem usado o Akwê muito mais nos dias de hoje. Com a implantação das escolas no território, o primeiro passo depois dessa conquista foi nomear as escolas com nomes escritos na língua Akwê. No processo de tradução, foram usadas raízes Xerente. Embora seja uma ação importante, essas nomeações são ainda difíceis de entender para a maioria da população Xakriabá, já que a língua Akwê é ainda novidade para muitos. A partir dessas, porém, é possível decompor alguns elementos gramaticais que também ajudam a entender melhor a língua e que conseqüentemente permitirão outras ações futuras no processo de revitalização. Em todos os nomes das aldeias, o elemento Dazakru “aldeia” está presente em primeiro lugar, indicando que o elemento qualificado vem antes do elemento qualificador, isto é, o nome aparece antes do adjetivo (dazakru ‘aldeia’ + kterẽ ‘pedra pequena’. Essa é uma característica de línguas SOV. Essa estrutura se repete mesmo dentro da expressão adjetiva, seja por meio de um outro nome (kte NOM ‘pedra’ + -rẽ DIM) ou por meio de um nome mais um adjetivo (kurbe NOM

‘alcantil’ + zawre ADJ ‘grande’), como em português (aldeia *pedrinha*, aldeia *do rochedo grande*):

TABELA 11 – NOMES DAS ALDEIAS EM XAKRIABÁ

NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM AKWÊ	DECOMPOSIÇÃO
Aldeia Brejo mata fome	Dazakru Kâmrâmkô	?
Aldeia Riachinho	Dazakru Kâwakmôrê	Kâwakmô ‘riacho’ (?) + -rê DIM
Aldeia Riachão	Dazakru kâwakmôzawre	Kâwakmô ‘riacho’ (?) + zawre ‘grande’
Aldeia Riacho Comprido	Dazakru Kâkmôpazawre	Kâkmô ‘variante de riacho’/erro (?) + pazaw (?) + -re DIM
Aldeia Riacho do Brejo	Dazakru Sdarâkâ	
Aldeia Riacho dos Buritis	Dazakru Pizuwdékâ	Pizu ‘buriti’ + wdê ‘árvore’ + kâ ‘ribeirão’
Aldeia Prata	Dazakru kterâkâ	Kte ‘pedra’ + rã ‘alvo’ + kâ ‘ribeirão’
Aldeia Morro Vermelho	Dazakru Srãpre	Srã ‘morro’ + ‘pre’ vermelho
Aldeia Tenda	Dazakru Awâzakru	?
Aldeia Boqueirão	Dazakru Pkre	?
Aldeia São Domingos	Dazakru Dasiwaktuze	?
Aldeia Santa Cruz	Dazakru Wdêpaskrdi	?
Aldeia Morro Falhado	Dazakru Srãprãirê	Srã ‘morro’ + ?
Aldeia Itapicuru	Dazakru Wdêwaihōwktû	?
Aldeia Terra Preta	Dazakru Tkaiwakrdû	Tka ‘terra’ + wakrdû ‘preto’
Aldeia Imbaúba	Dazakru Awrã Wdê	Awrã ‘embaúba’ + wdê ‘árvore’
Aldeia Barra do Sumaré	Dazakru Romnirnãptennãkrda	?
Aldeia Itacarambuzinho	Dazakru ktekrãirê	?
Aldeia Forges	Dazakru Mrãihawidassakrê	?
Aldeia Vargem	Dazakru Tkainōpo	?
Aldeia Pindaíba	Dazakru Nrônãhãwdênrô	?
Aldeia Peruaçu	Dazakru Kurbezawre	Kurbe ‘Alcantil’ + zawre ‘grande’
Aldeia Sumaré 1	Dazakru Romnirnãpte Hemeretong	?
Aldeia Sumaré 2	Dazakru Romnirnãpte proné	?
Aldeia Sumaré 3	Dazakru Romnirnãpte Escuntantong	?
Aldeia Barreiro Preto	Dazakru Apkrêwakdû	Apkrê ‘buraco’ + wakdû ‘preto’
Aldeia Caatinginha	Dazakru Ropsêwre	?

Aldeia Custódio	Dazakru Romkmãdkâkwa	?
Aldeia Sapé	Dazakru Duikwa	Duikwa ‘sapé’
Aldeia Pedra Redonda	Dazakru ktezaptê	Kte ‘pedra’ + zaptê ‘redondo’
Aldeia Pedrinhas	Dazakru Kterê	Kte ‘pedra’ + -rê DIM

A partir dos nomes acima, pode-se depreender, além da ordem N + ADJ, alguns adjetivos (wakdû ‘preto’, zawre ‘grande’, pre ‘vermelho’ e zaptê ‘redondo’) e o sufixo diminutivo -rê. Além dos nomes de aldeias traduzidos, alguns nome e expressões têm sido mais frequentes nas conversas diárias do povo Xakriabá:

Uikitu kuhinã ‘venha cá crianças’

Bukimuju ‘veado do campo’

Bukikay ‘Rio/rio que corre’

Mãbuka ‘abelha’

Siuã Mârãkwã ‘Índio guerreiro’

Kuhinã xacriabá ‘criança xacriabá’

Xukurãnk ‘esperança’

Bukinuk ‘índio’

Manikã ‘mulher mais velha’.

Ãnre ‘não’ Masculino

Amzê ‘não’ Feminino

Arêkto/Arêkba ‘vamos’ (falado pelo sexo masculino)

Azêkto /Azêkba ‘vamos’ (falado pelo sexo Feminino)

Uktu/Êwi ‘venha cá’

Aimõr Kõndi ‘não vá’

No próximo capítulo, trarei sobre o uso do Xakriabá nas escolas da Terra Indígena.



### **CAPÍTULO 3 - O ADVENTO DA ESCOLA INDÍGENA, A VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA E A POSSIBILIDADE DE REVITALIZAÇÃO**

Nossa luta pelo resgate da língua se fortaleceu a partir do momento em que nossas escolas passaram a ter professores indígenas, pois, antes, os professores das escolas eram brancos e, por isso, não sabiam sobre nossa realidade. Para que essa situação mudasse, houve muito esforço do nosso ex-cacique Rodrigão. Manoel Gomes de Oliveira, o cacique Rodrigão, uma das maiores lideranças indígenas do Brasil, responsável por preponderante parcela das conquistas da etnia, faleceu no dia 25 de abril de 2003, por insuficiência cárdio-digestiva. Rodrigão, quando foi cacique, junto com nossas lideranças começou a reivindicar pelos nossos direitos e por uma educação diferenciada, que, por lei, já estava garantida na Constituição de 1988. Essa luta se fortalece em 1995, com a parceria da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Secretaria de Educação de Minas Gerais, que criou o Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG). Esse programa iria atender a todos os povos indígenas de Minas Gerais até então reconhecidos. Além da Secretaria de Educação de Minas Gerais, FUNAI, UFMG e do PIEI-MG, esses órgãos, juntamente com nosso povo, realizaram reuniões e debates de como iria funcionar nossa escola. Naquela época, nossas escolas eram administradas pelo município e com professores brancos. Ademais, o prefeito era contra nossos direitos, dizendo que os índios eram incapazes de ser professores.

Em 1996, foi escolhida a primeira turma de professores indígenas para fazer o Magistério Indígena, tendo professores de quase todas as aldeias, indicados pelas lideranças e pelo então cacique, Rodrigão. Essa turma se deslocou da reserva para o Parque do Rio Doce, onde era realizado o curso, e, com apenas um ano de estudo, os mesmos já assumiram a sala de aula dentro de suas aldeias, tendo um imenso desafio diante de si, até mesmo para a própria comunidade, que eram capazes de ser professores indígenas. Isso mudaria muita coisa, inclusive o fortalecimento da nossa cultura, trazendo para escola nossos costumes e tradições, que até então estavam sendo esquecidos e restavam apenas na memória dos nossos anciãos. Então, a escola foi e está sendo uma grande protagonista na tarefa de buscar conhecimentos tradicionais, proporcionando a interação das aldeias e de pessoas mais velhas na escola, repassando para nossas crianças

os costumes, tradições e crenças que temos, fortalecendo assim ainda mais a nossa cultura.

A partir da implantação das escolas indígenas, a nossa busca pelo resgate da língua Akwe-Xakriabá se intensificou. Segundo algumas pessoas que fizeram pesquisas com nossos anciões e anciãs, descobrimos ainda que existiam pessoas que falavam poucas palavras da nossa língua ancestral, mas, para se aproximar dessas pessoas e conseguir com que elas falassem algo a respeito foi muito difícil. O que permitiu um contato inicial foi o fato de que, naquela época, alguns professores que começaram a atuar tinham parentesco próximo a essas famílias que ainda tinham algum conhecimento do Akwê Xakriabá. O início do resgate da nossa língua foi então a procura por aqueles mais velhos que ainda se lembravam da língua. Foi muito difícil no início, porque muitas pessoas que se lembravam de algo da língua tinham receio de demonstrar seu verdadeiro conhecimento sobre ela, já que, na maioria dos casos, a lembrança era de algumas poucas palavras. Mas, com muita resistência, nosso povo ainda conseguiu resgatar parte do nosso vocabulário.

Uma outra ação de retomada da língua foi estimulada pelo cacique Domingos. Vendo a necessidade da busca pela nossa língua, nosso cacique Domingos buscou um projeto com o propósito de levar uma família até nossos parentes Xerente para entender um pouco da nossa história e também para aprender a nossa língua, porque, como dizem nossos mais velhos, nós éramos um só povo. Esse projeto teve início no ano de 2008. No início, nosso cacique fez reunião com várias famílias para ver qual se disponibilizaria a se deslocar dos Xakriabá até o povo Xerente no estado do Tocantins. No início, muitas famílias se recusaram por ser muito distante. Finalmente, uma família se disponibilizou a ir.

Para realizar esse intercâmbio com nossos parentes Xerente, houve conversa do nosso cacique Domingos com o povo Xerente, que nos apoiou muito. O pessoal que se disponibilizou a ir foi a família de senhor Jair Somõri Xakriabá. Naquela época, eles moravam na aldeia Morro Vermelho e saíram de lá com o propósito de aprender nossa língua durante um certo tempo e depois retornar, com o objetivo de ensinar nosso povo a falar o Akwê-Xerente. Eles conseguiram aprender e retornaram para aldeia de Rancharia. Segundo relatos, eles falam 100% a língua Akwê, têm todo o material escrito, porém ainda não estão ensinando ou atuando nas nossas escolas. Pouco a pouco, dados desse material estão sendo passados para algumas pessoas, mas, pelo que sei, ninguém teve acesso a esse material completo, seja por meio oral ou escrito.

No ano de 2008, deu-se início, nas escolas, à nova disciplina denominada Cultura, havendo então a contratação de professores de culturas. A nova disciplina teria então um papel fundamental de trabalhar com os alunos costumes, tradições e a língua Akwê é ensinada desde então por meio de canções e de algumas palavras isoladas.

Infelizmente, a língua Xakriabá não pôde ser descrita antes que deixasse de ser falada pelo povo Xakriabá. Embora dois vocabulários registrados por Eschwege/Martius e por Saint Hilaire evidenciem uma estreita relação com o Xerente e com o Akroá (esta língua também está extinta), neles há pouca informação gramatical que permita identificar o grau de semelhança gramatical entre o Xakriabá e essas duas outras línguas. Essa ação de resgatar informações sobre uma língua não mais falada e a partir de então tentar promover o retorno do seu uso é chamada de revitalização. Há muitos casos de ações de revitalização de línguas que ou deixaram de ser faladas ou que estão em sério risco de desaparecer. Exemplifico o caso do Pataxó, língua que deixou de ser falada e agora está sendo resgatada.

Anari Bonfim, linguista Pataxó envolvida nos trabalhos de revitalização do Patxohã tem escrito sobre o trabalho de revitalização promovido pelo grupo Atxohã na Bahia. Bonfim (2017) explica como foi para os Pataxó o início do resgate da língua Patxohã. Segundo ela, um grupo de professores e pesquisadores do povo Pataxó (localizados no sul do estado da Bahia) realiza pesquisas com o objetivo de resgatar registros históricos e memórias dos anciões com o objetivo de retomar sua língua originária, tida como extinta em meados do século passado.

**Segundo a autora**, houve um estranhamento do próprio nome Patxohã, neologismo criado para designar a nova língua, que obviamente é diferente da língua Pataxó que foi falada pelo povo no passado. O estranhamento surgiu por algumas pessoas na comunidade, pois não sabiam o significado daquela palavra.

Segundo Bonfim (2017), o grupo buscou reconstruir a língua em diferentes níveis linguísticos (morfossintático, lexical, fonológico, pragmático) para que a língua pudesse ser empregada sem restrições, tanto na oralidade quanto na escrita. Graças a esse trabalho, os Pataxó têm hoje um vocabulário considerável de palavras em Patxohã. Bonfim (2017) observa, no entanto, que, mesmo com um amplo vocabulário em mãos, essa busca de novas palavras na língua permanente para os Pataxó e, entendo, que para outras etnias.

Assim como os Pataxó já vêm há tempos na luta pra revitalizar o Patxohã, também os Xakriabá contam com grupos criados com um objetivo parecido, o de reconstruir uma

língua estruturada para facilitar o uso nas escolas nas formações de frases e na fala cotidiana em geral.

Segundo alguns dados de minhas pesquisas, o Xakriabá tem também vocabulários diferentes. Tais vocabulários têm fornecido muitas palavras para nosso cotidiano e nos permitem também conhecer um pouco mais da antiga língua Xakriabá e sua relação com o Xerente, com o Akroá e com o Xavante. Mais adiante, mostrarei como, a partir dessa vocabulário, foi possível identificar algumas características do Xakriabá em relação às outras línguas da família, especialmente o Xerente, possivelmente a língua mais próxima do Xakriabá.

### 3.1 A LÍNGUA AKWÊ E O ENSINO NAS ESCOLAS

Um passo importante em favor da revitalização da nossa língua foi a introdução de aulas de akwê nas escolas xacriabá. A língua akwê não é nova para os xakriaba, mas a sua disciplina no contexto escolar é muito recente. Em 2018, em várias assembleias com caciques, lideranças, funcionários e comunidades em geral, discutia-se uma nova matriz curricular que enfim considerasse as especificidades dos indígenas e especialmente as características e necessidades culturais dos Xakriabá, um pouco da realidade do povo no contexto da escola. Com muita persistência, foi então no mesmo ano aprovada a matriz curricular diferenciada. Nela, a disciplina Akwê foi inserida com uma aula semanal.

No ano de 2019, depois de muitas reuniões com os servidores das escolas Xacriabá, foi discutido o novo plano da matriz curricular que atendesse mais às nossas especificidades de ensino e, com essa oportunidade dada a nós, não poderíamos deixar passar, pois, em tempos difíceis como estes por que estamos passando, o que vem de bom é pouco e então temos que nos agarrar a tudo. Foram incluídas as disciplinas que sempre almejamos para a educação dos nossos filhos e uma, em especial, é a língua Akwê, que estava nas escolas pouco a pouco aparecendo por meio das aulas de cultura. Mas isso não estava sendo suficiente, pois o Português e a Matemática estavam lá tomando seu lugar sempre em primeiro plano e como se fosse o mais importante. Ao ser aprovada a nova matriz, logo se criaram grupos para fazer os planos de aula de forma mais conjunta com todas as aldeias, ou seja, os professores de cultura e de língua Akwê trabalhariam com seus alunos conteúdos iguais ou, se não, com o mesmo objetivo.

Atualmente, a disciplina é trabalhada usando apostilas com palavras soltas. Tais palavras, usadas na apostila, são conseguidas a partir de encontros realizados por

pesquisadores e professores de cultura e língua Akwê Xakriabá. A partir desses encontros, foi formado um grupo de estudos para aprofundar as pesquisas sobre mais palavras do Akwê.

Embora pareça ainda pouco, essa mudança, apesar de tímida, é de grande importância para o Xakriaba, que terá uma oportunidade única de reavivar nas escolas para os alunos não só a língua Akwê, mas também a sua importância e a sua história. A partir dessas ações, espera-se que a comunidade não irá mais perder ou se silenciar novamente. Agora podemos falar, nos expressar, cantar e dizer quem somos com muito mais liberdade.

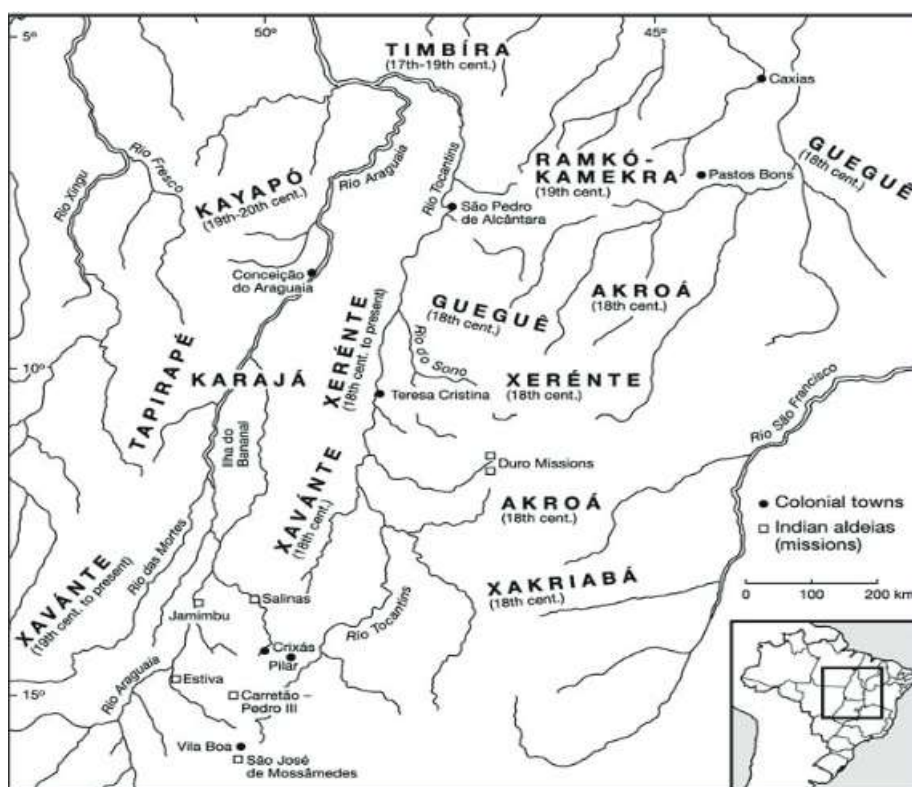
O aumento do número de termos do Akwê no português pode ser sentido especialmente nos nomes próprios. Além do uso crescente de léxico Akwê no português, alguns membros da comunidade Xakriabá também já se comunicam entre si com frases de saudações em Akwê (ver tabela 7). Isso mostra que, aos poucos, a língua Akwê está novamente se naturalizando entre nós, em alguns contextos. Essa situação traz a esperança de que a língua possa voltar a ser falada em alguns contextos e por que não até suplantando o uso do português, a língua majoritária. Para isso ocorrer, entretanto, são necessárias muitas ações mais efetivas as quais abordarei no capítulo 5.

Atualmente, observa-se que as crianças de quatro anos já afirmam sua identidade Xakriabá ao gostar de falar palavras do Akwê. Mesmo ainda falando o português como primeira língua, já usam léxico e expressões do Akwê nas suas falas. Um dos motivos para isso acontecer tão frequentemente foi a inserção da língua como disciplina na escola. O reforço para essa afirmação instituiu a língua Akwê como um dos principais objetivos de aprendizagem para essas crianças e por incrível que pareça, os alunos do fundamental 1 estão tendo muita facilidade em usar o Akwê, mais que os alunos do fundamental 2, nos anos finais. Isso parece ser uma evidência de que as gerações mais jovens refletem resultados positivos do processo de resgate da língua em detrimento das gerações mais velhas, que vivenciaram menos ações relacionadas à promoção da língua.

No próximo capítulo, tratarei sobre os povos e línguas Akwê, da classificação da língua Akwê Xakriabá e farei uma breve apresentação das principais características da língua Xerente.

## CAPÍTULO 4 - OS POVOS AKWÊ

Segundo dados do site Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Socioambiental (ISA), o termo Akwê (cujo significado é gente) é a autodenominação dos povos Xakriabá, Xavante (A'we), Xerente e Akroá-Mirim. As designações Akroá, Xakriabá, Xavante e Xerente foram introduzidas por não índios para poder identificar e distinguir os diversos sub-grupos Akwê que habitavam o centro-oeste, nordeste e parte do sudeste brasileiro no período da colonização.



Fonte: (Coimbra et al. 2002, p. 50)

Os Xavante se distribuíam no centro-oeste do Brasil e hoje ocupam em diversas terras indígenas do Mato Grosso em uma região compreendida pela serra do roncador e pelos vales dos rios das mortes, os Xerente tradicionalmente ocuparam as terras que hoje pertencem a Goiás e Tocantins. Hoje se localizam no do estado de Tocantins na banda leste do rio Tocantins. Os Xakriabá e os Akroá-Mirim, por sua vez, ocuparam parte de Goiás, norte de Minas Gerais, Oeste da Bahia e Pernambuco. Embora os Xakriabá e os Akroá-Mirim tenham sido povos rivais nesse território, a partir da colonização de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, houve algumas alianças temporárias entre os dois

grupos para sobreviverem à grilagem de terras e às tentativas de assimilação. Os Xakriabá atualmente vivem no norte de Minas Gerais e os Akroá aparentemente desapareceram.

#### 4.1 A LÍNGUA AKWÊ

Os quatro grupos mencionados na seção anterior (Akroá, Xakriabá, Xavante, e Xerente) eram falantes de variedades do que se entende por língua Akwê, um complexo dialetal que pertence à família Jê. Esta família, segundo Rodrigues (2015), tem três ramos distintos, Jaikó, Jê do Norte, Jê Central e Jê do Sul. A tabela abaixo apresenta a distribuição de línguas de cada ramo da família Jê de acordo com Rodrigues (2015):

TABELA 12 – LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ

Ramo	Línguas	Estado	Situação atual
Jaikó	Jaikó	Piauí	Extinta
Jê do Norte	Timbira <sup>4</sup>	Maranhão, Pará, Tocantins	Em uso
	Apinajé	Tocantins	Em uso
	Kayapó <sup>5</sup>	Mato Grosso e sudeste do Pará	Em uso
	Panará	Mato Grosso e sudeste do Pará	Em uso
	Suyá <sup>6</sup>	Mato Grosso (Parque do Xingu)	Em uso
Jê Central	Akroá	Minas Gerais	Extinta
	Xakriabá	Minas Gerais, Goiás	Extinta
	Xavante	Sudeste do Mato Grosso	Em uso
	Xerente	Tocantins	Em uso
Jê do Sul	Kaingang	São Paulo, Paraná e Santa Catarina	Em uso
	Xokleng	Santa Catarina	Em uso
	Ingain	Departamento de Canindeyú (Paraguai), Paraná e Mato Grosso do Sul	Extinta

4 Essa língua tem várias variedades dialetais segundo Rodrigues (2015): Canela, Ramkokamekrá, Canela Apanyekrá, Gavião Pykobjê, Gavião Parakatejê, Krinkatí, Krahô, Krênje.

5 O Kayapó têm muitas variedades dialetais segundo Rodrigues (2015): Kiretum, Kokraimôro, Kubenkrakên, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrín.

6 Segundo Rodrigues (2015), o Suyá tem duas variedades dialetais, Suyá e Tapayuna.

A língua dos povos Akwê pertencem, portanto, de acordo com o quadro de Rodrigues (2015), ao ramo central da família Jê (Jê Central). De modo geral, línguas que pertencem ao tronco Macro-Jê apresentam características comuns tanto no léxico quanto na gramática. Da mesma maneira, as línguas desse tronco compartilham características lexicais e gramaticais dentro das suas famílias correspondentes. No caso da família Jê, cito algumas características que parecem ser comuns entre as línguas dessa família segundo alguns autores (SOUZA FILHO, 2007; RODRIGUES, 2015; COTRIM, 2016). Dentre essas características estão:

- (1) Estreita relação lexical;
- (2) Presença de marcadores de posse inalienável nos nomes;
- (3) Presença de prefixos relacionais, isto é, elementos afixais que indicam a relação de proximidade ou não proximidade entre uma palavra e outra numa sentença;
- (4) Presença de marcação morfológica de pessoa, de número, de tempo e de aspecto;
- (5) Argumentos verbais agentes de verbos transitivos são destacados dos argumentos sujeito de verbos intransitivos e do argumento objeto, constituindo fenômeno conhecido como ergatividade;
- (6) Presença de posposições em vez de preposições.

Tendo em mente essas características da família Jê, especialmente do ramo central (Akroá, Xakriabá, Xavante e Xerente), apresento algumas características que permitem incluir o Xakriabá nesse ramo.

Devido à escassez de dados sobre o Xakriabá e sobre o Akroá, alguns autores (MAYBURY; LEWIS, 1967; CARVALHO e DAMULAKIS, 2015), diferentemente de Lowie (1947) e de Rodrigues (2015), excluem essas duas línguas do grupo Akwê, considerando assim uma subdivisão no ramo central da família Jê. Uma evidência que motiva essa separação entre Xavante e Xerente, de um lado, e Akroá e Xakriabá, por outro, são algumas correspondências sonoras entre as duas primeiras línguas. Como essa questão foge aos objetivos deste trabalho e por já ser tradicional entre nós a designação Akwê-Xakriabá, especialmente pela dependência atual da língua Xakriabá em relação à língua Xerente para possibilitar a revitalização<sup>9</sup>, considero apropriado manter o Xakriabá como uma língua Akwê. Mas, independente de ser ou não uma língua Akwê, o que é importante é que o Xakriabá era uma língua muito próxima do Xerente. Os dados lexicais apontam



uma estreita relação entre as duas línguas e será essa relação que procurarei apresentar a seguir. O objetivo é mostrar algumas regularidades fonéticas do Xakriabá em relação ao Xerente. Conforme pretendo mostrar, embora o léxico Xerente e Xakriabá fosse muito semelhante, alguns sons do Xerente correspondiam a outros sons no Xakriabá. Isso significa que, no processo de revitalização do Xakriabá, essas correspondências fonéticas deveriam ser consideradas, uma vez que palavras emprestadas do Xerente deveriam passar por uma “Xakriabalização”, considerando essas diferenças.

#### 4.1.1 CORRESPONDÊNCIAS FONÉTICAS E GRAMÁTICAS ENTRE O XAKRIABÁ E O XERENTE

Uma característica do Xakriabá em relação às outras línguas da mesma família é o léxico muito próximo. Ao comparar as poucas palavras do Xakriabá que puderam ser registradas por viajantes com palavras do Xerente, é possível observar que sílabas CV (consoante + vogal) do Xakriabá correspondem em muitos casos a sílabas CCV (consoante + consoante + vogal) do Xerente:

TABELA 13 – CORRESPONDÊNCIA CCV - CV

XERENTE	XAKRIABÁ	AKROÁ	PORTUGUÊS
Tka	<b>Tika</b> ‘terra’		Terra
Pku		pukúte	Lago
Tbe	<b>Tupe</b>		peixe
kdə ‘	<b>Cutó</b>		Anta
Wde	<b>odê</b>	wətesú	árvore
Bdu	d’aputu	butúde	pescoço
Pónkwa’né	Prané		Dois
(I)krda	<b>angratá</b> <sup>7</sup>	ingeratá	Avô

Quadro baseado em Carvalho e Damulakis (2015), p.29

Vemos, na tabela acima, que as palavras do Xakriabá e do Akroá correspondentes ao Xerente não apresentam encontros consonantais (CCV) porque têm uma vogal (em negrito) entre as duas consoantes (CV), o que não ocorre em Xerente. Há, porém, algumas exceções:

<sup>7</sup> O “an” em angratá parece indicar a primeira pessoa “eu”/”meu”. “An” parece alternar com “ĩ”, forma idêntica ao pronome da séri4 B do Xerente (eu/meu). Abordarei esses pronomes no próximo capítulo.

TABELA 14– CORRESPONDÊNCIA CCV - CCV

XERENTE	XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
(da)pra	(da)pra	Pé
(da)krã	(da)krã	Cabeça
(da)pokre	(da)pokri	Ouvido
(da)nkre	(da)skri	Nariz
(da)kre	(da)gri	Vagina
(da)pkra	(da)jipkra	Mão

Quadro baseado em dados retirados de Carvalho e Damulakis (2015)

Uma informação importante é que a vogal [e] final em Xerente corresponde no Xakriabá à vogal [i]: pokre > pokri, nkre > (da)skri, (da)kre > (da)gri.

Outra característica do Xakriabá em relação ao Xerente é o vozeamento da consoante velar. Alguns dados mostram que a consoante velar [k] do Xerente equivalia à consoante velar [g]:

TABELA 15 – CORRESPONDÊNCIA VELAR SURDA – VELAR SONORA

XERENTE	XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Kra	(i)gra	Filho
(i)krda	Angrata	Avô
(da)kre	(da)gri	Vagina
(da)kri	(da)gri <sup>8</sup>	Casa

Quadro baseado em dados retirados de Carvalho e Damulakis (2015)

Palavras que em Xerente têm a semivogal w inicial parece que apresentavam uma vogal plena em Xakriabá:

TABELA 16 – CORRESPONDÊNCIA SEMIVOGAL - VOGAL PLENA

XERENTE	XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Wde	Ode	Árvore
Wapsõ	goapsang	Cachorro
Wa	Oá	Lua

Quadro baseado em dados retirados de Carvalho e Damulakis (2015) e Souza Filho (2018)

Uma outra importante correspondência fonética que parecia haver em Xakriabá em relação ao Xerente é que as consoantes alveolares do Xerente ocorriam no Xakriabá como alveopalatais. A alveolar surda s ocorria como ch [ʃ] (como em chácara) e a alveolar sonora z ocorria como j [ʒ] (como em jaca):

<sup>8</sup> As formas para *vagina* e *casa* são homônimas, isto é, têm o mesmo som, mas significados diferentes, como em português nas palavras *manga* (de camisa) e *manga* (fruta). Segundo Carvalho e Damulakis (2015), Esse elemento do Xakriabá “gri” parece funcionar como um classificador, como é o caso do correspondente kre em Xerente. Neste caso, o classificador identifica coisas arredondadas, o que seria mais ou menos o caso nos dois exemplos em questão.

TABELA 17 – CORRESPONDÊNCIA SEMIVOGAL - VOGAL PLENA

XERENTE	XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Sika	Chika	Galinha
Kuzi	Kujé	Fogo

Quadro baseado em dados retirados de Carvalho e Damulakis (2015)

Essa correspondência, no entanto, não parece ocorrer em todas as palavras.

As correspondências fonéticas, apresentadas acima, evidenciam que o Xakriabá tinha algumas diferenças em relação ao Xerente. Essas diferenças deverão ser consideradas no processo de revitalização da língua Xakriabá.

Uma característica do Akwê-Xakriabá compartilhada com as outras línguas do ramo central é a presença do marcador de posse em nomes inalienáveis, que são nomes que não podem ocorrer sem que se apresente um possuidor. No Xakriabá, esse marcador de posse é *da-*, que pode ser observado na maioria dos exemplos acima tanto em Xakriabá quanto em Xerente:

*Da-pra* ‘POSS-pé

*Da-krã* ‘POSS-cabeça

Esse elemento não aparece, no entanto, nas duas línguas, se já houver outro elemento indicando a posse. Neste caso, os pronomes chamados pronomes da série B são usados:

TABELA 18 – MARCADORES SÉRIE B

Marcadores B pref.	
ĩ-	1SNG
ai-	2SNG/DUAL/PLUR
Ø mã te	3SNG/DUAL/PLUR
Wa	1NSNG (DUAL/PLURAL)

Apresento alguns exemplos do Xakriabá e do Xerente:

XAKRIABÁ

Ai-kuté

2 criança

‘A sua criança

Ĩ-gra

1-filho

‘Meu filho’

XERENTE

Ai-s-dawa

2 R2-boca

‘Tua boca’

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 04)

Wa-n-ĩpkra

1NSG-R1-mão

‘Nossa mão’

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 05)

Alguns desses pronomes podem ser vistos nos dados do Xakriabá na tabela 13, repetida parcialmente abaixo como 19:

TABELA 19 – PRONOMES DA SÉRIE B EM XAKRIABÁ

XERENTE	XAKRIABÁ	PORTUGUÊS
Kra	<b>(ĩ)</b> gra	Filho
(i)krda	<b>An</b> grata	Avô

Quadro baseado em dados retirados de Carvalho e Damulakis (2015)

Na tabela 16, as formas em negrito evidenciam que em Xakriabá possivelmente havia também os pronomes da série B do Xerente: ã/an (eu) (mesma forma do Xerente ã).

Infelizmente, os dados existentes da língua Xakriabá não permitem avançar muito mais na comparação com o Xerente. Por essa razão, apresento no próximo capítulo, uma breve síntese de alguns pontos importantes da fonologia e da gramática Xerente para que sirva de auxílio em trabalhos futuros relacionados à revitalização da língua Xakriabá.

## CAPÍTULO 5 - PONTOS DE GRAMÁTICA XERENTE

Neste capítulo, apresento alguns pontos da gramática Xerente que pude entender. A língua Xerente é uma língua muito diferente do português e conhecê-la a fundo é uma tarefa urgente para a revitalização da língua Xakriabá. Para escrever este capítulo, consulte artigos e principalmente as teses de Souza Filho (2007) e Cotrim (2016). O objetivo é disponibilizar informações básicas sobre a gramática da língua para que essas informações possam auxiliar o processo de revitalização da língua Xakriabá e também contribuir para futuros estudos sobre a língua.

O primeiro ponto que apresento são alguns morfemas derivacionais. Morfemas derivacionais são pequenas partes de palavras que se juntam a uma raiz e assim formam uma palavra derivada, por isso o nome derivacional. Esses morfemas são importantes para a formação de palavras. Apresento a tabela 18 com alguns deles:

TABELA 20 – MORFEMAS DERIVACIONAIS

MORFEMA	TIPO	FUNÇÃO	EXEMPLO	TRADUÇÃO
-re	Atenuativo	Tamanho; quantidade; afetividade; fases de idade; tempo cronológico, tipos de animais (peixes, aves e mamíferos)	wawε - re	‘velhinho’
-zawε	Intensificador	Intensificador	zawε-di	‘ser/estar grande’
-kta ~ ktab	Intensificador	Intensificador de nomes de qualidade e de sensações	ktabi-di	‘demasiado’
-hu	Nominalizador	Nominalizador existencial de tipos de animais	ktã-hu	‘manada de anta’
-nōprɔ	Nominalizador	Nominalizador existencial de plantas	wde+kru+k-rã-hu nōprɔ	‘melancia’
-nōprɔ-si	Nominalizador	Nominalizador existencial de Plantas	kupa+wde-hu nōprɔ-si	‘mandioca’
-rĩ, ~-ri, ~-r	Nominalizador	Nominalizador de nomes ação	kmē-ri	‘(o) catar’
-kwa	Nominalizador	Nominalizador de nomes agente	da=ka-hu-r-kwa	‘comedor de gente’
-zε	Nominalizador	Nominalizador de nomes circunstância	da=nmrã-Ø-zε	‘lugar de assento (de gente)’
-di, -ti, -ki	Nominalizador	Nominalizador de predicados existenciais	sdakró-ki	‘(fazer) sol quente’
-kõ	Privativo	Privativo	stikrui-kõ-di	‘tranquilo’ (lit.: “sem raiva”)

Tabela adaptada de Cotrim (2017, p. 109)

O segundo ponto que considero importante apresentar é o sistema de pronomes e marcadores do Xerente. Na língua Xerente, esses pronomes e marcadores são muito

importantes porque são muito presentes nas sentenças da língua. Para entender o básico da gramática do Xerente, é preciso conhecer então os pronomes e os marcadores.

### 5.1 PRONOMES PESSOAIS E MARCADORES DO XERENTE

O sistema de pronomes do Xerente é complexo. Para entendê-lo, é preciso saber que, diferentemente do português, a pessoa (eu, você, ele, etc) não aparece apenas no pronome em si e nas formas verbais, mas também por meio de marcas que se repetem ao longo da frase, expressando além da pessoa, o tempo, o aspecto, o modo e o número. As pessoas são expressas principalmente por meio dos pronomes pessoais livres. O quadro abaixo mostra as suas formas de acordo com a pessoa:

TABELA 21 – PRONOMES PESSOAIS LIVRES

PRONOMES PESSOAIS LIVRES	PESSOA
Wa hã	1SG
Ka, kahã, toka	2SG
tə, tahã, totahã	3SG
Wanõrĩ...nĩ	1NSG (DUAL PLURAL)
Kanõrĩ...kwa...kwa Tokanõrĩ...kwa...kwa	2NSG (DUAL PLURAL)
Tanõrĩ, totanõrĩ, tahãnõrĩ, totahãnõrĩ	3NSG (DUAL PLURAL)

- (1) **Wa** waza                                      ã-n-õkre  
1SG 1HAB.IMP.IRRE                              1-R3-cantar  
'Eu canto'

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 43)

- (2) **Toka** teza                                      ai-n-õmrõ  
2NSG                                      2HAB.IMP.IRRE                              2-R3-deitar  
'Você deita'

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 1)

- (3) **Tokanõrĩ** kwa bit                                      ai-s-aikwar-kwa  
2NSG                                      2NSG 2PAS. PERF.REAL                              2-R-2-deitar (PL)-2NSG  
'Vocês deitaram'

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 2)

Nas três frases acima, vemos os pronomes de primeira pessoa (*wa=eu*), de segunda pessoa (*toka=você*) e de segunda pessoa não singular (*tokanõrĩ..kwa...kwa=vocês*). Nos exemplos, podemos ver que, além dos pronomes, outras palavras apresentam informações de pessoa, de tempo, entre outras coisas. A esse respeito, discutirei mais adiante.

Em Xerente, além do singular e do plural, existe também o número dual, que diz respeito ao plural referente a duas entidades apenas. Por isso, quando se quer expressar plural, é preciso saber se são apenas duas entidades (dual) ou mais de duas (plural).

O pronomes pessoais livre do Xerente podem também ter função enfática. Os pronomes enfáticos são usados para dar ênfase à pessoa em questão:

- (4) **Wa-hã**                      waza                      ai-mẽ                      ã-morĩ  
 1SG-ENF/NOM              1FUT IMP IRREF      2-COM<sup>9</sup>              1-ir  
 ‘Eu vou com você (lit.: eu mesmo, eu vou com você)

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 14)

- (5) **Ka-hã**                      to      wawõ  
 2SG-ENF/NOM              COP      velho  
 Você é velho (lit.: você é mesmo velho)

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 16)

- (6) **Ta-hã**                      mõt                      n-ĩ                      kmësi  
 3SG-ENF/NOM              3.PAS.PERF.REAL      R-3-carne              comer  
 ‘Ele comeu carne (lit.: ele mesmo, ele comeu carne)’

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 15)

Parece que a ênfase é expressa nesses casos por meio da posposição *hã*. Nas frases acima, todos os pronomes aparecem com essa posposição.

<sup>9</sup> Em Xerente, existem posposições. Posposições são como as preposições do português (com, sem, para, em, dentro, entre outras), mas em vez de ocorrem antes da palavra a que se referem, ocorrem depois: *ai mẽ* (eu + com=*comigo*). *Mẽ* em Xerente e *com* em português têm funções semelhantes. A diferença é que *mẽ* é uma posposição porque ocorre depois do eu (neste exemplo). Já *com* é uma preposição, porque ocorre antes do eu (neste exemplo).

Além dos pronomes pessoais livres, há duas séries de marcadores chamados de série A e série B. Esses marcadores são responsáveis por indicar pessoa, tempo, modo e aspecto. Os marcadores da série A são marcadores de Tempo, Aspecto, Modo e Pessoa (TAMP). Já os marcadores da série B funcionam como prefixos e indicam pessoa. Apresento na tabela abaixo os marcadores das séries A e B:

TABELA 22 – MARCADORES A TAMP E MARCADORES B

Marcadores A TAMP	Marcadores B pref.	
wa	ĩ-	1SNG
bĩ tɛ	ai-	2SNG/DUAL/PLUR
Ø ã ĩ ti t	Ø mǎ tɛ	3SNG/DUAL/PLUR
wa	Wa	1NSNG (DUAL/PLURAL)

Esses dois tipos de marcadores aparecem nos exemplos de (1) a (6) acima, repetidos abaixo como (1a) a (6a) abaixo. Os marcadores A estão em negrito e o marcador B está em negrito e itálico:

(1a) Wa    **w**aza                                    **ĩ**-n-ðkre  
 1SG    1HAB.IMP.IRRE                    1-R3-cantar  
 ‘Eu canto’

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 43)

(2a) Toka                    **t**ɛza                                    **ai**-n-ðmrõ  
 2NSG                    2HAB.IMP.IRRE                    2-R3-deitar  
 ‘Você deita’

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 1)

Na frase (1a) acima, o marcador TAMP **wa** expressa primeira pessoa, tempo habitual, aspecto imperfectivo e tempo irrealis. Já o marcador da série B **ĩ-** expressa a primeira pessoa junto ao verbo ðkre (cantar)<sup>10</sup> e indica a primeira pessoa do singular (eu). Na frase

<sup>10</sup> O -n- é um prefixo relacional. Como todo prefixo relacional, segundo Rodrigues (2015), sua função é marcar a proximidade ou não de elementos que se relacionam, geralmente entre um núcleo e seu determinante.



(2a), o marcador TAMP **te** expressa a primeira pessoa, tempo habitual, aspecto imperfectivo e tempo irrealis. Já o prefixo **ai**, um marcador da série B, expressa a segunda pessoa do singular.

(3a) Tokanõrĩ      kwa      **bit**                              **ai**-s-aikwar-kwa  
 2NSNG          2NSG 2PAS. PERF.REAL    2-R-2-deitar (PL)-2NSG  
 ‘Vocês deitaram’

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 2)

(4a) Wa-hã                      **waza**                      **ai**-mẽ              **ĩ**-morĩ  
 1SG-ENF/NOM          1FUT IMP IRREF      2-COM              1-ir  
 ‘Eu vou com você (lit.: eu mesmo, eu vou com você)’

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 14)

Na frase (3a), o marcador TAMP **bit** expressa a segunda pessoa do plural, tempo passado, aspecto perfectivo e modo realis. Na mesma frase, o marcador da série B **ai** expressa a segunda pessoa. Na frase (4a), o marcador TAMP **wa** indica apenas a primeira pessoa do singular. O elemento **za** expressa o tempo futuro, o aspecto imperfectivo e o modo irrealis. Na mesma frase, há dois marcadores da série B. O primeiro, **ai**, tem a função de indicar a segunda pessoa na expressão com você (**ai mẽ**). Já o segundo, **ĩ**-, indica a primeira pessoa do verbo *morĩ* (ir).

(5a) Ka-hã                      to      wawõ  
 2SG-ENF/NOM          COP    velho  
 Você é velho (lit.: você é mesmo velho)

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 16)

(6a) Ta-hã                      **mãt**                      n-ĩ              kmësi  
 3SG-ENF/NOM          3.PAS.PERF.REAL    R-3-carne          comer  
 ‘Ele comeu carne (lit.: ele mesmo, ele comeu carne)’

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 15)

Na frase (5a), não há marcadores, apenas o pronome livre *ka*, seguido da posposição *hã* para expressar ênfase. Na frase (6a), há apenas o marcador TAMP indicando a terceira pessoa do singular, o tempo passado, o aspecto perfectivo e o modo realis.

As frases de (1) a (6) mostram que (1) além dos pronomes livres o Xerente indica informação sobre pessoa por meio dos marcadores TAMP e dos marcadores da série B; (2) os marcadores TAMP expressam, além da informação sobre pessoa, também tempo, aspecto e modo.

Por ora, não é ainda possível identificar quando os marcadores A e B devem ser usados. Vemos que na frase (5a) eles não ocorrem e na frase (6a) apenas um ocorre. Para explicar melhor o uso dos marcadores, é necessário primeiro introduzir alguns conceitos, como sujeito, objeto e verbo intransitivo e verbo transitivo, o que farei a seguir.

## 5.2 AS NOÇÕES DE TRANSITIVIDADE, DE SUJEITO E DE OBJETO

Na seção anterior, procurei mostrar que o Xerente tem três maneiras diferentes para expressar a noção de pessoa: (1) os pronomes pessoais livres, (2) os marcadores da série A e (3) os marcadores da série B. Os marcadores da série A expressam também tempo, aspecto e modo, além da pessoa, e os marcadores da série B expressam apenas pessoa. Para entender melhor como usar os marcadores das séries A e B, apresento nesta seção alguns conceitos importantes. Começo com as noções de verbo transitivo e verbo intransitivo, que dizem respeito a se o verbo tem ou não um complemento na frase. Verbos que necessitam de um complemento são verbos transitivos, como mostram as frases a seguir:

(7) O menino viu **a barriguda**.

(8) A mulher fez **suco de mangaba**.

Os dois termos em negrito nas frases (7) e (8) (*a barriguda* e *suco de mangaba*) são necessários para dar sentido aos verbos *ver* e *fazer*. Por isso, os termos *a barriguda* e *suco de mangaba* complementam o sentido dos verbos *ver* e *fazer* nessas sentenças. Veja que, sem esses complementos, as frases não fariam sentido:

(7a) O menino viu

(8a) A mulher fez

As sentenças (7a) e (8a) só fariam sentido se num contexto específico já se soubesse o que o menino viu e o que a mulher fez. Mas, se não for assim, esses verbos precisam de um complemento. Verbos que necessitam de um complemento são chamados de verbos transitivos.

Por outro lado, há verbos que não necessitam de complemento:

(9) A Maria saiu

(10) A ave voou

Nas sentenças (9) e (10), os verbos não precisam de uma informação complementar. Podemos dizer aonde foi a Maria ou para onde ou quando a ave voou. Neste caso, seria uma informação a mais nas frases, mas a falta dessas informações não deixa as frases estranhas ou incompletas como (1a e 2a). Por isso, verbos como os em (9) e (10) são chamados de intransitivos, que é quando o verbo não necessita de complemento.

Antes de dar exemplos de verbos transitivos, é importante discutir um pouco sobre o complemento. Como já expliquei, verbos transitivos necessitam de complemento, mas verbos intransitivos não. Verbos, sejam eles intransitivos ou transitivos, se relacionam com dois termos que juntos com o verbo formam a oração (Sujeito + verbo (+ objeto)). Esses termos são os argumentos do verbo, mais conhecidos como sujeito e objeto<sup>11</sup>. Esses elementos participam da ação verbal, às vezes ambos (sujeito e objeto), ao mesmo tempo, ou apenas o *sujeito*, como é o caso que vemos nas frases com verbos intransitivos em (9) e (10).

Agora, sobre os verbos transitivos, esse tipo de verbo necessita sempre de um complemento ou objeto. As sentenças abaixo, de (11) a (13), apresentam verbos transitivos e seus os argumentos/*objetos*<sup>12</sup>:

(11) O homem cortou **a lenha**

<sup>11</sup> Tradicionalmente, o objeto pode ser direto ou indireto.

<sup>12</sup> É importante observar que em *a lenha* e *a sala*, o objeto é todo o sintagma nominal, incluindo o nome e o artigo junto dele.

(12) A Jandira come **doce**

(13) Eu vou abrir **a sala**

Os argumentos marcados em negrito têm função de objeto, que são os termos que complementam o sentido dos verbos *cortar* (a lenha), *comer* (doce) e *abrir* (a sala).

Começarei com as noções de Sujeito e de objeto. Sujeito é a função do argumento sujeito do verbo, já o objeto é a função do argumento objeto do verbo. Nas sentenças abaixo de (14) a (17) os argumentos verbais têm função de sujeito:

(14) **Maria** trabalha muito

(15) **O João** comeu beiju

(16) **Eles** acordaram

(17) **A coruja** voa de noite

Os argumentos marcados em negrito nas sentenças de (14) a (17) são sujeitos. Já nas sentenças abaixo, de (18) a (21), os argumentos verbais são objetos:

(18) O homem cortou **a lenha**

(19) A Jandira come **doce**

(20) Eu vou abrir **a sala**

(21) Ele quer aprender **Xakriabá**

A partir dos dados acima, o leitor pode entender que basta o argumento estar à esquerda do verbo que é o sujeito e bastaria estar à direita do verbo para ter função de objeto. Na verdade, essa constatação é falsa, já que é possível que sujeito esteja numa posição pós-verbal e objeto esteja numa posição pré-verbal, em casos de inversão, em que se quer focalizar um dos termos:

(22) A lenha o João cortou

(23) A sala abrir eu vou.

Embora a ordem invertida não soe muito natural, ela é possível em canções por exemplo. Em razão dessa possibilidade, o critério usado aqui para diferenciar sujeito de objeto será semântico. Quando o argumento do verbo desencadear a ação expressa pelo verbo, ele

será sujeito. Já quando a ação desencadeada pelo verbo incidir sobre o argumento do verbo, esse argumento terá a função de objeto.

Depois de esclarecer os conceitos de transitividade verbal e sujeito e objeto, podemos retornar à questão do uso dos marcadores das séries A e B em Xerente, tema da próxima seção.

### 5.2.1 ALINHAMENTOS DOS ARGUMENTOS (S), (O) E (A) EM XERENTE

A respeito dos marcadores das séries A e B, uma primeira constatação que se pode fazer é que ambos são usados quando o verbo é intransitivo ou transitivo, desde que não haja operadores pós-verbais, isto é palavras modificadoras que ocorrem após o verbo:

#### Verbos intransitivos

(24)

Wa	<b>waza</b>	<b>ĩ-n-õkre</b>
1SG	1HAB.IMP.IRRE	1-R3-cantar

‘Eu canto’

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 43)

(25)

Toka	<b>tɛza</b>	<b>ai-n-õmrõ</b>
2NSG	2HAB.IMP.IRRE	2-R3-deitar

‘Você deita’

(SOUZA FILHO, p. 117, ex. 1)

(4)

Wa-hã	<b>waza</b>	ai-mẽ	<b>ĩ-morĩ</b>
1SG-ENF/NOM	1FUT IMP IRREF	2-COM	1-ir

‘Eu vou com você (lit.: eu mesmo, eu vou com você)’

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 14)

#### Verbos transitivos

(26)

Wapsã	<b>mãt</b>	<b>ai-asCachorro</b>	3PAS.PERF.REAL	2-mordeu
-------	------------	----------------------	----------------	----------

‘O cachorro mordeu você (o cachorro te mordeu)’

(SOUZA FILHO, p. 120, ex. 21)

(27)

Wa            **tɛt**                            *ai*-kmêdik

Papagaio        3 PROG. IMP.REAL            2-ver

'O papagaio está vendo você'

(SOUZA FILHO, p. 121, ex. 24)

(28)

(Wa)    **waza**                            *ai*-kahir-**kwa**

(1SG) 1FUT.IMP.IRRE        2-bater(PL)-2NSG

'Eu baterei em vocês'

(SOUZA FILHO, p. 121, ex. 26)

(29)

Wa    **waza**                            *ĩ*-n-ôkre

1SG    1HAB.IMP.IRRE        1-R3-cantar

'Eu canto'

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 43)

Nas frases acima, não há operadores verbais após o verbo, então o sujeito do verbo intransitivo os marcadores das duas séries ocorrem, os da série A (em negrito) e os da série B (em negrito e itálico). Quando há um operador após o verbo, no entanto, nos exemplos abaixo uma negação, apenas a série B ocorre:

(30)

*ĩ*-n-ôkre        *kô*-di

1-R3-cantar    NEG-PRED

'Eu não canto'

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 43)

(31)

Ø-wra        *kô*-di

3-correr        NEG-PRED

'Ele não corre'

(SOUZA FILHO, 2013, p. 131, ex. 211)

(32)

Toka ai-kbudum-di

Você 2-sujo-PRED

‘Você está sujo’

(SOUZA FILHO, 2013, p. 220, ex. 561)

Com relação aos verbos transitivos, os marcadores da série B (negrito) são usados:

(36)

Ta-hã **mãt** n-ĩ kměsi

3SG-ENF/NOM 3.PAS.PERF.REAL R-3-carne comer

‘Ele comeu carne (lit.: ele mesmo, ele comeu carne)’

(SOUZA FILHO, p. 119, ex. 15)

(37)

Toka **teza** ki zεkrěņě

2SG 2HAB IMP. IRRE água beber

‘Você bebe água’

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 39)

(38)

Btibi **teza** tokãñõrĩ-kwa karõ kahur-kwa kãto

Todos os dias 2HAB.IMP.IRRE vocês-2NSG arroz comer-2NSG CONJ

wazumzi

feijão

‘Todos dias vocês comem arroz e feijão’

(SOUZA FILHO, p. 123, ex. 42)

Quando, porém, após os verbos transitivos ocorre algum operador verbal, que são palavras modificadoras, como advérbios, os marcadores da série B não aparecem e o sujeito do verbo transitivo recebe uma marca chamada de ergativa. Essa marca dá destaque para o sujeito agente de verbos transitivos. O Xerente é considerada uma língua ergativa e isso significa que os sujeitos de verbos transitivos apresentam uma marca (-te

~-t), fazendo que sejam diferentes do sujeito de verbos intransitivos. Essa marca ergativa no sujeito só ocorre em Xerente quando há um advérbio depois do verbo:

(33)

Wahum-nã	mõku	Ø-te	kmẽ	wrĩ	kõ-di <sup>13</sup>
Verão-POSP	pato	3-ERG	PARTT	matar	NEG-PRED

‘Na lua cheia, ele não mata pato’

(34)

Sika-te	kũmdi	kahir-wawẽ	Galinha-ERG	capivara
	bater-INTENS			

‘A galinha bicou muito a capivara’  
(SOUZA FILHO, p. 124, ex. 47)

(35)

Ø-te	wa-sã-m-kõ-di
3-ERG	1NSG-ver-CL-NEG-PRED

‘Ele não nos viu’  
(SOUZA FILHO, p. 121, ex. 27)

(36)

ĩ-t	Ø-kmõdki	kõ-di
1-ERG	3-matar	NEG-PRED

‘Ele não está matando pato’  
(SOUZA FILHO, p. 124, ex. 50)

<sup>13</sup> O elemento -di neste caso expressa uma ideia estativa, significando algo como “ficar”. Junto com o kõ (palavra negativa), expressa algo como “ficar sem” (=ele fica sem matar pato). -Di é usado para expressar uma situação do momento, neste caso se juntando a um verbo: se junta também a verbos e adjetivos:

kãnmẽ	kbazẽĩprãĩ	kõ di
Aqui	caça	NEG-PRED

‘Aqui não tem caça’

Pre	-di	Pse	-di
Pesado	EST	Bonito	EST
“Pesado”		“Bonito”	

Novas pesquisas podem procurar descrever melhor o uso de -di.



No exemplo (36), podemos ver que a marca ergativa –te, quando ocorre com a primeira pessoa (eu), toma a forma -t. Não consegui identificar o porquê.

As frases acima apresentam os marcadores das séries A e B. Dessa forma, os argumentos verbais do Xerente se organizam da seguinte forma: argumentos sujeitos de verbos intransitivos (S) têm a mesma forma que os argumentos objetos (O), mas se diferenciam dos argumentos sujeitos dos verbos transitivos (A), que recebem uma marca ergativa, o que faz que eles sejam diferentes dos argumentos (S) e (O). Essa diferenciação só acontece, porém, quando há operadores pós-verbais, pois, quando eles não ocorrem, os argumentos (A) de verbos transitivos terão a mesma forma que argumentos (S).

Como comentei no início dessa seção, a língua Xerente apresenta muitos fenômenos que são muito diferentes do português e que não foi possível apresentar nesta pesquisa. Conhecer em detalhes a gramática Xerente contribuiria muito para a revitalização do Akwe-Xakriabá. Por isso, deixo um convite para os parentes que aprofundem o conhecimento sobre o Xerente em pesquisas futuras.

## **CAPÍTULO 6 – A GRAFIA DO AKWÊ XAKRIABÁ: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO DE REVITALIZAÇÃO**

A partir dos primeiros movimentos da revitalização nos anos [coloque aqui o ano em isto se inicia.], nota-se que o Akwe-Xakriabá vai, aos poucos, contaminando, no bom sentido, o léxico do português falado por nós com léxico Akwê. Frases construídas inteiramente na língua são raras e usadas de maneira tímida, o que para o povo é ainda distante a possibilidade de cada membro Xakriabá usar a língua para escrever e falar sobre o que quiser e nos momentos em que quiser. Alguns passos necessários para alterar essa realidade diz respeito (1) à grafia da língua e (2) à elaboração de uma gramática Akwê-Xakriabá, que permita a construção de frases e de textos na língua e assim ela possa ser de fato ensinada nas escolas da Terra Indígena Xakriabá.

Com relação ao ponto (1), a grafia empregada nas palavras Akwe-Xakriabá é uma mistura da ortografia usada na língua Xerente com a grafia usada nas listas dos viajantes europeus e dos anciãos Xakriabá com algumas intervenções feitas por nossa comunidade. A consequência dessa diversidade de origens é que (i) alguns sons da língua são representados por mais de um som; (ii) algumas escolhas gráficas representam sons típicos da língua Xerente, mas que, para nós Xakriabá, falantes de português como língua materna, não faz nenhum sentido, além de dificultar o aprendizado da pronúncia de certas palavras. Como consequência, as pessoas se sentem inseguras para ler as palavras e há muita variação interpessoal na pronúncia, já que ninguém sabe ao certo como pronunciar algumas sequências de consoantes, típicas do Xerente; (iii) algumas escolhas gráficas não consideram as características que tinha a língua Xakriabá, mas as características da língua Xerente, que, embora fosse semelhante à língua Xakriabá, não era idêntica. Sobre este último ponto, considero que as escolhas lexicais da nossa língua deveriam levar em conta primeiro a língua Xakriabá, quando for possível, e só depois a língua Xerente, quando os dados históricos não puderem ser recuperados.

Uma maior consistência gráfica poderia facilitar a adaptação de palavras das línguas emprestadas, o aprendizado de palavras do Akwê Xakriabá e contribuir assim para o processo de revitalização da nossa língua.

Considerando então a situação descrita acima, analiso a grafia de algumas palavras do Xakriabá. O objetivo é apresentar eventuais problemas e propor soluções que poderiam facilitar o aprendizado das palavras.

A análise que apresento aqui tem duas partes. Na primeira, apresento algumas palavras do Xakriabá registradas por Martius e as comparo com as equivalentes do Xerente. O objetivo é tentar definir algumas características próprias do Xakriabá em relação ao Xerente e apresentar uma grafia adequada. No segundo momento, comento a grafia de algumas palavras emprestadas do Xerente e defendo então uma alternativa para grafá-las, considerando as características da língua Xakriabá que puderam ser levantadas.

Os sons produzidos pelos falantes numa língua são chamados de *fonos* e de *fonemas*. A diferença entre esses dois tipos de sons diz respeito à sua função. Fones são todos os sons que uma língua tem, independente se o falante é jovem ou mais velho, escolarizado ou não escolarizado, morador de uma ou outra região. Assim, o som de S que eu produzo pode ser diferente do som de S que minha mãe, por exemplo, produz. O meu S é mais chiado que o da minha mãe, por exemplo. Neste caso, há dois sons diferentes, um S mais chiado e um menos chiado; temos então neste caso, dois fones diferentes. Quando se quer conhecer uma língua, é importante saber todos os sons que ela tem para que se consiga produzi-los ao falar essa língua, mas claro mais ou menos pode não fazer muita diferença. Por isso, um falante não precisa usar todos os sons da língua, apenas os sons funcionais da língua, que são os fonemas. Fonemas são aqueles sons mais importantes e que precisam ser conhecidos e usados adequadamente, porque, se não forem, haverá problemas de compreensão. Em português, por exemplo, os sons de /v/ e /f/ são fonemas distintos e por isso não podem ser trocados um pelo outro. Se trocarmos V pelo F na palavra VACA, por exemplo, teremos a palavra FACA, cujo significado é muito diferente do da palavra VACA. Fonemas são sempre representados entre barras transversais: //. Outro exemplo de fonema é a vogal O e Õ do português. Na palavra BODE, se o /o/ for pronunciado nasal [õ], o significado da palavra não será mais o mesmo: BONDE. A sequência ON em português é um grafema, que é uma escolha gráfica para representar um fonema da língua, assim como o OM também é para representar o mesmo fonema na palavra BOMBA. Se o fonema /õ/ for trocado pelo fonema /o/ nesta palavra, haverá mudança de significado: BOBA. ON e OM são então suas maneiras gráficas de representar um único som, o som do fonema /õ/, que soa como [õ]. A mesma coisa ocorre nas palavras PONTE e POTE.

A mesma relação é encontrada entre os fonemas /a/ e /ã/ nas palavras BABA e BAMBA. Na segunda, o grafema AM é uma opção gráfica para representar o fonema /ã/. Há, porém, situações nas línguas em que um som funciona como fonema em algumas palavras, mas não em outras. O som [ã] na palavra PANELA [pãnéla] por exemplo, não é um fonema,

porque, neste caso, se for trocado pelo som [a], não haverá mudança de significado dessa palavra: [panela]. Nesta palavra por isso, os linguistas dizem que o fonema /a/ pode ocorrer como [a] ou como [ã]. [ã], por isso, no caso da palavra panela, é um fone do fonema /a/, ou seja, é uma variante do fonema /a/. Por isso, quando vamos estudar uma língua, é importante saber quais são os fonemas, ou seja, quais são os sons que não podem ser trocados um pelo outro, e quais sons são apenas variantes dos fonemas, ou seja, os fones, aqueles sons que não têm tanta importância na língua, são apenas variantes de outros sons mais importantes.

A partir do conhecimento dos fonemas de uma língua, pode-se então pensar numa maneira de representar esses fonemas na escrita. Neste caso, para cada fonema, haverá um grafema (ou seja uma letra ou um conjunto de letras que representarão cada fonema da língua). Os grafemas são representados entre aspas angulares: <grafema>.

É importante conhecer quais são os fonemas do Xerente para podermos entender quais fonemas devemos considerar no Akwê Xakriabá ao tomar emprestadas as palavras do Xerente. A língua Xerente apresenta doze fonemas consonantais: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /s/, /z/, /h/, /m/, /n/, /r/, /w/ e catorze fonemas vocálicos, sendo nove orais: /i/, /e/, /ɛ/, /i/, /ə/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/ e cinco nasais: /ĩ/, /ẽ/, /ã/, /ũ/, /õ/, conforme mostro nos dois quadros a seguir:

TABELA 23 – FONEMAS CONSONANTAIS

Consoantes	bilabial	labial	alveolar	velar	glotal
Oclusiva su			t		
So	p		d	k	
	b				
Fricativa su			s		
So			z		h
Nasal	m		n		
Tepe			r		
Aproximante		w			

Baseado em Cotrim (2016)

Já os fonemas vocálicos são:

TABELA 24 – FONEMAS VOCÁLICOS

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	ɪ	ɨ	u
MÉDIA	e	ə	o
BAIXA	ɛ	a	ɔ
NASAIS	ĩ ẽ	ã	ũ õ

Baseado em Cotrim (2016)

Considerando então os fonemas do Xakriabá, começarei fazendo uma comparação entre dados da lista de Martius e os dados do Xerente.

## 6.1 A LISTA DE MARTIUS: POSSÍVEIS DIFERENÇAS ENTRE XAKRIABÁ E XERENTE

### A. REALIZAÇÃO PLENA DE VOGAIS

Um primeiro som do Xakriabá que difere do Xerente é o da vogal inicial da palavra ao ‘lua’. Na lista de Martius ela ocorre com <o> e não com <w>. O mesmo pode ser observado na palavra *ode* ‘árvore’ e na palavra *goapsang* ‘cachorro’ apresenta <o> em vez de w. Este grafema <w> poderia continuar sendo usado em palavras como *zawre* ‘grande’ e *wairê* ‘aroeira’, mas, no caso de *ode*, *cachorro* e *lua*, não faz sentido grafar *wa*, *wde*. *Gwapsang*. Ainda em relação a essas palavras, Martius registra também a forma *ote* para *lua*, evidenciando talvez que a distinção entre t e d não fosse tão relevante na língua.

A palavra céu registrada por Martius é *akoá*. Atualmente, nós usamos a forma *akwã*, mais próxima da forma Xakriabá de Martius que da forma atual do Xerente: *hewá*.

### B. USO DAS CONSOANTE <K> E <G> EM FINAL DE PALAVRAS

A palavra *cachorro* [goapsãg], o <g> final é um problema, já que na pronúncia do português esse <g> precisa receber uma vogal e passa a ser pronunciado algo como [goapsãge] (goapsãgue), fugindo assim da pronúncia original, que seria provavelmente uma consoante nasal velar, soando como um <g> quase não pronunciado. Uma sugestão é que palavras terminadas e <g> e <k> passem ou a omitir esses grafemas, deixando apenas a pronúncia da vogal. Assim, *cachorro* poderia ser registrado como *goapsã* (sem

a consoante), sem pronúncia do <g>. Essa pronúncia seria mais natural. Mas, como tradicionalmente palavras com essas terminações têm sido pronunciadas com a consoante seguida de vogal, uma alternativa seria registrar a consoante final seguida de uma vogal <e>, naturalizando a vocalização da consoante que ocorre de acordo com a fonologia do português: <goapsãge>. Das duas formas a grafia e pronúncia ficariam mais naturais e de acordo com a fonologia do português, podendo ser mais facilmente aprendidas;

Martius registra a palavra *mamang* para pai e coincide com a forma usada hoje por nós. Aqui, novamente, surge a questão de como lidar com o <g> final. Como foi exposto para o exemplo acima, aqui também haveria duas possibilidades: ou <mamã>, eliminando o <n>, cuja função é apenas marcar a nasalidade, agora marcada com til, e o <g> final, ou <mamãge>, naturalizando a pronúncia aportuguesada do <g> final;

Dentro da mesma regra, a palavra para ‘chapéu’ ou ‘boné’ deveria ser grafada <skraypã> ou <skraypãge>. Atualmente, nossa forma de grafar essa palavra é <skraypahng>.

### C. INSERÇÃO DE VOGAL EM ENCONTROS CONSONANTAIS

Um padrão muito frequente no Xakriabá é o da sequência tk, provavelmente por influência do Xerente. Há várias palavras com essa sequência em Xerente, como *tka* ‘terra’. Vimos já, na tabela 14, que no Xakriabá esse tipo de sequência de consoantes era evitado inserindo entre as duas consoantes uma vogal: *tka* > *tika*. Essa é uma característica que diferencia o Xakriabá do Xerente e deveria incluir todas as palavras com sequência de consoantes, já que essa sequência seria um obstáculo ao aprendizado da língua. Ainda sobre a palavra *tika* ‘terra’, entre nós circula também a forma *trua*, que deve ser considerada uma variante de *tika* ~ *trua*.

Martius registra a palavra para peixe *tupe*, que é idêntica à que usamos. Sua correspondente em Xerente é *tbê*, indicando aqui que em Xakriabá houve uma inserção da vogal;

Criança em Xakriabá é *kuhinã*, mas temos também a palavra *aykuté*, que também tem relação com o Xerente *aykdé*. Neste caso, vemos aqui que houve a inserção da vogal [u] no encontro consonantal correspondente do Xerente (*kdé*).

### D. REGISTRO GRÁFICO DE VOGAIS NASAIS

Um ponto muito importante que deve ser considerado é o registro das vogais nasais. A palavra *homem*, por exemplo, muito usada por nós Xakriabá, registrada por

Martius (1867) e também usada em Xerente, tem sido escrita como <ambá>. Esta é uma maneira típica de registrar vogais nasais em português, por meio de <n> ou <m> após a vogal em que se quer registrar a nasalidade. Sugiro que a nasalidade das vogais nasais seja representada pelo til sobre as vogais: ã, ã, ã, õ e ã. Assim, a palavra homem passaria a ser grafada como <ãba>. Como o acento em Xakriabá é geralmente na última sílaba, é desnecessário usar o acento agudo na vogal tônica.

#### E. REGISTRO DE SEMIVOGAIS COMO <Y> E <W>

Oitomorim é a palavra para estrela indicada em Martius (1867), mas em nossas listas aparece também a forma waytomorin. Já vimos no caso 1 que w do xerente corresponde a o do Xakriabá, o que deve ser suficiente para desconsiderar a forma waytomorin em favor de oitomirin. Outro ponto aqui é como grafar as semivogais i e u em ditongos. Atualmente, essas semivogais são representadas por <i> ou por <y> e por <w>. Sugiro que apenas <y> e <w> representem semivogais e <i> e <u> representem apenas vogais plenas. Estrela então ficaria <oytomirin>. Outro ponto importante que deve ser considerado aqui é o registro a vogal nasal, como já vimos no ponto anterior. Nessa palavra, a letra i seguida de n ou de m é apenas um artifício gráfico para representar o i nasal: [ĩ]. Por essa razão, sugiro que a nasalidade das vogais nasais seja representada pelo til sobre as vogais: ã, ã, ã, õ e ã. Seguindo essa regra, a palavra *estrela* deveria ser grafada <oytomoriã> e a palavra para cachorro deveria ser <goapsã>.

#### F. REGISTRO GRÁFICO DAS CONSOANTES ALVEOPALATAIS [ʃ] E [ʒ]

Frequentemente palavras do Xakriabá com as consoantes alveopalatais [ʃ] e [ʒ] são registradas de maneiras diferentes, como é o caso da palavra para neto <inschiuku>. Sugiro que essas consoantes sejam representadas pelos grafemas <x> e <j>, tradicionalmente usados em línguas indígenas para representar esses sons. Neto então, seria grafado assim: <ixiwku>.

A palavra registrada por Martius para mãe é nxatakû, sendo que o registro <û> deveria equivaler a uma vogal posterior não arredondada, algo semelhante a um â. Atualmente mãe em Xakriabá é nachatari. Considerando a forma de Martius, teríamos duas possibilidades de registro, nxataka, semelhante à forma de Martius<sup>14</sup>, e naxatari, apenas com a grafia da consoante [ʃ] representada por <x>.

<sup>14</sup> O <n> inicial seria apenas uma pré-nasalização, soando algo como in/im.

### G. PALATALIZAÇÃO DE CONSOANTES ALVEOLARES ([s], [z] > [ʃ], [ʒ])

Martius (1867) registra como *sujari* a palavra para cavalo. Tradicionalmente, usamos a formas <soujari>, <subzari> e <suzari>. A primeira delas apresenta a sequência <ou>, que é um recurso europeu para registrar o som de u [u] em base no francês. Esse recurso é desnecessário, já que o u mesmo obviamente representa melhor esse som. As suas formas seguintes apresentam o <z>. Já vimos no capítulo 3, na tabela 15, que o <s> e o <z> do Xakriabá correspondia às consoantes [ʃ] (ch) e [ʒ] (j) do Xakriabá. Portanto, com base nessa informação, a melhor forma para representar cavalo deveria ser <sujari>, como registrou Martius ;

Martius (1867) registra a palavra *daxipigra* para ‘dedo da mão’, que idêntica à forma usada por nós. Seu correspondente em Xerente é *dazipkra*. Aqui, novamente vemos a regularidade da correspondência Xakriabá e Xerente. Ao [z] Xerente correspondem as consoantes [ʃ] ou [ʒ] do Xakriabá. Carvalho e Damulakis (2015) discutem a possibilidade de palavras registradas por Martius com o grafema <sch> do alemão corresponderem na verdade à consoante sonora [ʒ] e não [ʃ], por não haver no alemão a consoante sonora [ʒ]. Levando essa informação em consideração, a forma Xakriabá mais próxima da língua registrada por Martius deveria ser <dajigra>;

Martius registra a palavra para cabelo *dajahi*. Atualmente, usamos a palavra *dazahi*, claramente de origem Xerente. A forma apresentada por Martius mostra a regularidade da correspondência entre [s] e [z] Xerente e [ʃ] e [ʒ] Xakriabá. Idealmente, a forma do Xakriabá deveria ser <dajahi> e não <dazahi>;

A palavra Xakriabá para galinha é *schiká*. Martius registra como *xika*. Considerando que <sch> e <x> são recursos diferentes para representar o mesmo som, a alveolar palatal [ʃ], sugiro que galinha seja grafada como <xika>;

Farinha em Xakriabá é *kupaschú*, forma idêntica à registrada por Martius e equivalente ao Xerente *kupazu*. Aqui também a regra de palatalização se repete. A proposta de grafia para essa palavra é <kupaxu>.

### H. REGISTRO GRÁFICO DAS CONSOANTES ALVEPALATAIS [tʃ] e [dʒ]

Embora palavras com essas consoantes não tenham sido frequentes até agora, especialmente com a sonora [dʒ], a grafia delas é muito variável. Considerando que a escolha gráfica das consoantes fricativas alveolares [ʃ] e [ʒ] foi <x> e <j>, por lógica, as correspondentes alveopalatais devem ser grafadas como <tx> e <dj>. Assim, banana, foi



registrada por Martius (1867) como *amintché*<sup>15</sup>. Atualmente, usamos uma forma muito semelhante, que é *amiotsché*. Trocando o grafema *tsch* (do alemão) pelo aqui proposto (*tx*), temos a forma gráfica *amyõtxe*. O *y* na palavra representa a semivogal [i]. Resta, no entanto, resolver o problema da representação da vogal média alta [ɛ], de que trato no próximo ponto;

A palavra fogo para os Xakriabá tem sido registrada como <ktsché>. Martius registrou a forma *kutsché*, cujo correspondente em Xerente é *kuzé*. Vemos então que a forma usada tradicionalmente pelos Xakriabá parece ser uma forma mista, entre o Xakriabá e o Xerente. Sabemos que o Xakriabá tende a inserir vogais entre duas consoantes seguidas. Então, a forma Xakriabá deveria ser <kutxé> ou <kutxë>, ambas mais fáceis de adquirir do que o padrão tradicional Xerente de ter duas consoantes seguidas uma da outra (*ktsch*).

#### I. PALATALIZAÇÃO DAS CONSOANTES ALVEOLARES [t] e [d]

Algumas palavras em Xakriabá apresentam a consoante [t] diante da vogal [i]. O problema dessa sequência é que, por causa do português, todo [t] é palatalizado diante de [i], transformando-se numa africada alveopalatal [tʃ] (mesmo som do *tchau* e da palavra *tia*). Essa regra não acontece numa língua indígena quando os falantes são nativos nessa língua, mas os Xakriabá falam o português como língua materna, então a regra acima ocorrerá naturalmente para todos. Palavras do Xakriabá que têm <t> seguido de <i> terão por causa disso sempre o som [tʃi] e nunca [ti]. Por isso, é necessário refletir sobre como grafar palavras com essa sequência. *Bicho-de-pé*, por exemplo é *krakuti*. Por causa da regra, ela será sempre pronunciada [krakutʃi] e nunca [krakuti]. Por isso, já que o Xakriabá tem um grafema para representar o som [tʃ] (*tx*), é preferível regularizar a distribuição do <tx> diante de todas as vogais e assumir a forma gráfica <krakutxi>. Na grafia da palavra ‘flecha’ *etike* aconteceria o mesmo: <etxike>.

A mesma regra vista para o <t> valeria também para o <d>. quando seguido de <i>, pela mesma razão. *Bonito* em Xakriabá é *dapside*. Para ficar regular, a grafia passaria então a ser <dapsidje>. A pronúncia permaneceria a mesma, mas a grande diferença é que crianças alfabetizadas aprenderiam as sequências *txa*, *txë*, *txi*, *txö*, *txu*; *dja*, *djë*, *dji*, *djö*, *dju* (complemente regular) e não *txa*, *txë*, *ti*, *txö*, *txu*; *dja*, *djë*, *di*, *djö*, *dju* (irregular).

#### J. REGISTRO GRÁFICO DAS VOGAIS MÉDIA-ALTAS [ɛ] E [ɔ]

<sup>15</sup> A palavra correspondente em Xerente é *hespokrân* e tem sido usada por nós como sinônimo.

Como comentei no item anterior, na proposta gráfica amyõtxe falta a indicação da altura da vogal [ɛ]. Tradicionalmente, tem sido usado o acento agudo do português. Dessa forma, banana ficaria assim em Xakriabá: <amyõtché>. Uma alternativa seria usar o trema para indicar a abertura/levantamento da vogal: <amyõttxë>. Esse tem sido um recurso usado por algumas línguas indígenas brasileiras, como o Ianomami por exemplo e mais recentemente os Kaxixó no processo de revitalização da sua língua. De acordo com essa proposta, a grafia atual de vento (kutete) seria beneficiada, pois ficaria mais fácil identificar as vogais mais abertas: <kuteté> ou <kutëtë> ‘vento’.

## K. PRESENÇA DE FORMAS POSSESSIVAS EM PALAVRAS

Nas línguas Jê centrais, nomes inalienáveis quando não tinham posse indicada ocorriam com o possessivo da-. Isso ocorre ainda em Xerente e havia também em Xakriabá e Akroá. Por ser uma indicação frequente em inúmeras palavras, não comentarei todas as ocorrências eu tenho nesta parte;

A forma *anqrata* para avô/avó é a registrada por Martius. Essa forma parece não ter correspondente similar em Xerente (dãhĩkrda). A forma *anqrata*, portanto, parece ser uma forma original Xakriabá. Porém, como já comentei na tabela 16, a forma para avô/avó provavelmente é *qrata* (agora sim, similar a *krda*), já que *an-* é na verdade o pronome pessoal correspondente a *meu*. Por isso, não seria prudente continuar usando a forma *anqrata*, que significa na verdade ‘meu avô’, mas a forma *qrata*, correspondente à forma *krda* do Xerente. Novamente vemos aqui que o Xakriabá geralmente insere uma vogal entre duas consoantes e a consoante velar [k] do Xerente (*krda*) pode ser sonorizada no Xakriabá: [g] (*qrata*). Seguindo o mesmo padrão de correspondência, Martius registra a forma *gra* para filho<sup>16</sup>, que corresponde à forma Xerente *kra*. Vemos então que a sequência [kr] em Xerente corresponde à sequência [gr] em Xakriabá. Filho deveria então ser grafado <gra>;

Martius registra para ‘olho’ as palavras *dapogri* e *datoman*. Considerando que o elemento da- apenas indica posse inalienável, ‘olho’ em Xakriabá era *pogri* e *toman*. Atualmente, usamos a palavra *ayto dadamá*. Observando os dados, percebo que essa suposta palavra na verdade são duas palavras diferentes, ambas designando olho: *to*, com a forma de segunda pessoa você (ay=seu olho), e *damá*, possivelmente uma variante da forma registrada por Martius *tomam*. É provável que o elemento *man* junto a *to/da* tenha

<sup>16</sup> Martius registra a forma *deba* para filha, que não tem correspondente nem no nosso vocabulário atual e nem no Xerente. Essa forma deveria constar nas nossas listas como um sinônimo para <bakotõ> e <bikõ>.

alguma função gramatical ainda não identificada. O importante é a designação para olho em Xakriabá deveria ser preferencialmente uma das seguintes opções: *pogri*, *to* ou *toma*, por serem essas de origem Xakriabá;

Em Xakriabá há duas palavras para criança: *kuhinã* e *aykuté*, que também tem relação com o Xerente *aykdé*. Na palavra *aykuté*, vemos que o *ay* não deveria ser considerado parte da palavra, já que se trata do pronome você (neste caso, seu): *ay-kuté*. A partir dessa informação, deveríamos reconsiderar a forma para a palavra criança: <kuté> ou <kutë>, além da forma mais tradicional <kuhinã>.

#### L. CORRESPONDÊNCIA TOHA/DAWA (XAKRIABÁ/XERENTE)

No caso anterior, vimos que um dos correspondentes para olho (*to*) em Xerente é *da*. Essa correspondência pode ser observada nas formas para a palavra ‘boca’: *datoha/dadawa* (Xakriabá) e *zdawa/sdawa* (Xerente). É provável que *toha* e *dawa* fossem variantes entre si, tanto no Xakriabá quanto no Xerente. Hoje usamos apenas *toha* (*datoha*).

#### M. LEVANTAMENTO DA VOGAL [e] EM FINAL DE SÍLABA

Martius (1867) registra a palavra *daypogri* para ouvido, idêntica à forma usada por nós. Também nesta palavra vemos a regra anterior atuando (*kr>gr*) e outra regra regular, a que sílabas finais [*kre*] do Xerente correspondem a [*gri*] no Xakriabá. A palavra para ouvido, portanto, é registrada corretamente <daypogri>;

Martius registra a palavra *dasigri* para nariz. Também nessa palavra vemos a correspondência *kre/gri*. Por outro lado, Martius registra também a forma *daskri*, o que evidencia que nem sempre a consoante [*k*] se tornava sonora [*g*]. Nesta palavra, vemos também que a regra anteriormente apresentada (*s/z > f/ʒ*) nem sempre se aplicava. Considerando essa regra, a forma apresentada deveria ser <daxigri>, mas, ao contrário é <dasigri> ou <daskri>;

Seguindo a mesma regra, ‘cabana’ em Xakriabá deveria ser <gri>, como Martius registrou. Atualmente em Xakriabá cabana é <kri>.

#### N. CORRESPONDÊNCIA SURDA/SONORA

Muitas palavras do Xerente que possuem consoantes surdas têm correspondentes sonoras no Xakriabá. Cantar em Xakriabá é *tonigri*, mas a consoante sonora [*g*] tem correspondente surda [*k*]: *nōkre*.

A palavra *sol Martius* registrou como *stakro* e *stagro*. Seu correspondente em Xerente, semelhante ao que usamos hoje, é *sdakro*. Vemos que o [t] registrado por Martius tem correspondente sonoro em Xerente [d]. Da mesma forma, agora ao contrário, a consoante velar [k] em Xerente pode corresponder a uma soro [g] em Xakriabá.

#### O. A GRAFIA DA NASAL PALATAL [ɲ].

Atualmente, usamos para carne a palavra *ponhy*, semelhante à forma registrada por Martius *ponhi*. Para não usar o mesmo grafema do português <nh> proponho o uso do grafema <ny>, o mesmo usado atualmente pelos Kaxixó. Com o uso desse grafema, a palavra *carne* ficaria assim: <ponyi>. O y, como já informei antes, será usado exclusivamente para representar a semivogal [i].

#### P. GRAFIA DA CONSOANTE FRICATIVA ALVEOLAR <S>

Diferente do português, que usa vários grafemas para representar o som de esse [s], entendo que no Xakriabá bastaria apenas o uso do grafema <s>. Assim, embora algumas palavras sejam tradicionalmente grafadas por meio de <ç> em Xakriabá, sugiro que *folha* por exemplo [desu] passe a ser grafada com <s>: <desu>, evitando assim problemas de aprendizado em razão de uma ortografia irregular (que usaria ora o <s> ora o <ç>).

#### Q. SOBRE OS VALORES DAS CONSOANTES <R> E <H>

O português apresenta distribuição bastante irregular em relação ao uso dos grafemas *erre fraco* [r] e *erre forte* [h]. Talvez por essa razão, há uma certa confusão no registro dos sons de erre do Xakriabá. Por isso, grafema <r> só deveria representar o som de erre fraco. O <h> por outro lado, deveria apenas representar o som de erre forte [h]. Então, uma palavra como *pena*, atualmente grafada como *sidarpi*, se fosse grafada como *sidahpe*, não haveria dúvidas em relação à sua pronúncia.

#### R. PALAVRAS SEM RELAÇÃO COM O XERENTE.

Algumas palavras que usamos estão presentes no vocabulário de Martius, mas não têm correspondente com o Xerente, como *mitxé/mitxë* ‘milho’, *tagra* ‘faca’, *ayewté/ayewtë* ‘pequeno’, *oradjoyka* (não indígena). Para esta última palavra, proponho, como já expus em 9, a forma gráfica <oradjoyka>.

Outras palavras que usamos não têm relação nem com o Xerente nem com o Xakriabá registrado por Martius, como tuakxá ‘roupa’, teora ‘galo’.

Curiosamente, os numerais do Xakriabá registrados por Martius não mostram quase nenhuma relação com os numerais do Xerente. Para os numerais de um a quatro, Martius apresenta as formas hemeretong (um), prane (dois), escuntatong (três) e moropõy (quatro), muito semelhantes aos que usamos. Se compararmos com as formas do Xerente, apenas o número dois apresenta alguma similaridade:

TABELA 25 – NUMERAIS EM XAKRIABÁ E EM XERENTE

XAKRIABÁ	XAKRIABÁ ATUAL	XERENTE	PORTUGUÊS
Hemeretong	Hemeretõ	Smĩsi	um
Prane	Prone	Ponkwanẽ	dois
Escuntatong	skõtatõ	mrẽpranẽ	três
Moropoê	moropõy	sikwaĩpsê	quatro

A análise acima mostra semelhanças e diferenças consideráveis do Xakriabá em relação ao Xerente. As semelhanças afirmam a relação estreita entre Xakriabá e Xerente e justifica que o Xerente sirva como uma base de referência para o processo de revitalização do Xakriabá. As diferenças evidenciam o que apontam alguns autores sobre a possibilidade de o Xakriabá, assim como o Akroá, terem pertencido a um subgrupo à parte do grupo Akwê dentro da família Jê Central. Essas diferenças reforçam a necessidade de os trabalhos de revitalização com a língua Xakriabá levarem em conta as especificidades do Xakriabá em relação ao Xerente para que sejam garantidas à língua Xakriabá a manutenção daquelas poucas características que restaram ainda conhecidas da língua ancestral e que com elas possamos garantir uma “cor” própria Xakriabá no processo de reconstrução da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procurei descrever a língua Xakriabá e mostrar a relação do meu povo com a nossa língua ancestral. Tentei mostrar que a língua Akwê-Xakriabá quase desapareceu por completo e se hoje ainda vive de algum modo é por casa do diminuto léxico que restou do processo colonizatório. Dados gramaticais precisam ser levantados com urgência, para que o processo de resgate da língua possa se realizar efetivamente.

Por meio do léxico deixado por anciãos e da lista de Martius (1867), comparei esses dados com dados do Xerente e a partir dessa comparação realizei uma análise linguística comparativa entre o Xakriabá antigo e o Xerente. A partir dessa comparação, baseada na análise realizada por Carvalho e Damukalis (2015), apontei para evidências de que o Xakriabá antigo não apresentava tantas sílabas complexas (encontros consonantais) como as observadas no Xerente atual. O impacto que essa conclusão traz para a revitalização da língua Xakriabá é que as sílabas complexas do Xerente devem ser nativizadas (emprestadas e incorporadas na língua Xakriabá) com sílabas simples (CV), a partir da inserção de vogais que separem duas ou mais consoantes que ocorrem juntas (tka > tika), aproximando dessa forma os empréstimos Xerente do padrão que era comum no Xakriabá antigo. Mostrei também, a partir da análise dos mesmo autores acima citados, que os sons de [s] e de [z] do Xerente correspondia, às vezes, aos sons de [ch] e [j] no Xakriabá. Assim, nomes emprestados do Xerente com <s> e <z> podem, alternativamente, corresponder a <x> e <j> no Xakriabá, permitindo assim que empréstimos do Xerente passem a ter uma identidade Xakriabá, já que <s> e <z> seriam pronunciados e grafados de maneira diferente (como [ch] e [j]). Finalmente, procurei mostrar no trabalho que algumas escolhas ortográficas atuais são irregulares e dificultam o aprendizado do Xakriabá. Por essa razão, propus em minha pesquisa alternativas para grafar a língua de maneira mais econômica, podendo assim contribuir para o aprendizado da língua.

Este trabalho é uma chamada para a possibilidade de revitalização da língua Xakriabá, de modo que possamos usar a língua nos contextos que desejarmos. Embora apresente algumas questões gramaticais do Xerente, elas precisam ser melhor esclarecidas e há muitas outras questões sobre essa língua para serem abordadas em trabalhos futuros. O conhecimento gramatical em detalhes da língua Xerente é fundamental para possibilitar a revitalização da língua Xakriabá.

Minha pesquisa aborda rapidamente essas questões, mas o foco principal foi o léxico e a grafia da língua. Minha expectativa é que esta pesquisa inspire novas pesquisas que possam contribuir para o conhecimento da língua Xerente e para o longo e árduo trabalho de revitalização da língua Xakriabá. Ao lado da pesquisa, ações práticas precisam ser incentivadas, como o intercâmbio mais intenso entre nós e os Xerente, de modo que algumas pessoas possam aprender a língua Xerente e assim favorecer o trabalho de revitalização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Os Akroá e outros povos indígenas nas fronteiras do sertão: as práticas das políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás. (Tese). Recife: UFPE, 2005

BOMFIM, Anari Braz. Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]

CARVALHO, Fernando O. de; DAMULAKIS, Gean N. The structure of Akroá and Xakriabá and their relation to Xavante and Xerente: A contribution to the historical linguistics of the Jê languages. *Campinas: Liames*, jan/jun, 2015, p. 17-46

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. Revitalização e ensino de língua indígena. (Tese). Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2013

COTRIM, Rodrigo Guimaraes Prudente Marquez. Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua Akwê-Xerente (Jê Central). (Tese) Universidade de Brasília (UNB), 2016

\_\_\_\_\_. Morfemas derivacionais Xerente (Jê). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Brasília, Volume 9, Número 1, Jul, 2017

EMMERICH, C.; MONSERRAT, R. Sobre os Aimorés, Gren e Botocudos : notas lingüísticas. *Boletim do Museu do Índio, Rio de Janeiro : Museu do Índio*, n. 3, 45 p., 1975.

ESCHWEGE, L. Von. *Brasilien die neue Welt*. Braunschweig, 1830

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: *O desafio das sobreposições terras indígenas & unidades de conservação da natureza*. São Paulo: ISA, 2004

LOWIE, Robert H. The Northwestern and Central Ge. In: Steward, Julian H. (Eds). *The Handbook of South American Indians*, vol. 1: 477-518. The marginal tribes. New York: Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology, Bulletin, 143, 1946

MARTIUS, Karl Friedrich Philip Von. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*, II. *Glossaria linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867



MAYBURY-LEWIS, David. Akwe-Shavante Society. Oxford: Clarendon Press, 1967

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Os botocudos e sua trajetória histórica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo : Companhia das Letras/SMCSP, 1992. p. 413-30.

RIBEIRO, Eduardo Rivail; VOORT, Hein van der. Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí family in the macro-jê stock. *International Journal of American Linguistics* 76(4), 2010, p. 517-570.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: R. M.W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (eds.). *The Amazonian Languages*, pp. 165-206. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Para o estudo histórico-comparativo das línguas jê. In Ludoviko dos Santos; Ismael Pontes (eds.). *Línguas jê: Estudos vários*, pp. 1-14. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2002

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*, t. 2. Paris: Arthur Bertrand, 1848

SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. *A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta: a história da língua Akwen do Povo Xakriabá*. 2018. 47 f.

## 6. ANEXOS

## A LÍNGUA AKWÊ-XAKRIABÁ NAS ESCOLAS UIKITU KUIHINÃ DA PERSPECTIVA DO PROFESSOR

Anezia Rodrigues de Jesus Oliveira  
 Dazakru ktekrãire: Aldeia Itacarambizinho  
 Escola Estadual Indígena Uikitu Kuhinã



A língua Akwe Xakriabá tem grande importância para nós pois é algo que faz parte de nossa identidade, é uma arma que precisamos usar nas lutas em defesas de nossos direitos. O principal objetivo de nossos alunos aprenderem a língua do Akwe Xakriabá é para se prepararem para o futuro e estarem prontos pra qualquer batalha.

Tenho algumas dificuldades pois eu não tenho muito domínio da fala e também na escrita da língua Akwe Xacriabá devido ter ficado muito tempo sem praticar e por não ter tido contato antes.

Acho muito importante a busca por mais palavras para o vocabulário do Akwe Xakriabá, pois temos muito interesse e vontade de falarmos fluentemente a nossa língua materna. Meus alunos tiveram mais dificuldades na escrita, mas o que mais dificulta é a pouca quantidade de aulas, devido à carga horária de outras disciplinas que são bem mais.

Na minha opinião, se a carga horária da disciplina do Akwe-Xakriabá fosse mais, os alunos desenvolveriam mais.

A minha dificuldade em falar algumas palavras foi suprida e também nos cantos e com algumas palavras do vocabulário, em outras ainda tenho dificuldade na fala e na escrita.

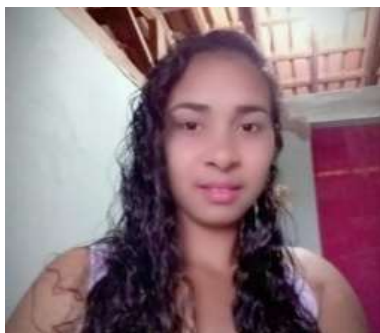
Uma das minhas maiores conquistas foi verem meus alunos falando algumas palavras do nosso vocabulário e catarem alguns cantos tradicionais do Akwê Xakriabá.

Devido ao pouco tempo que começamos trabalhar a disciplina da nossa língua Xakriabá na sala de aula. Meus alunos ainda têm bastante dificuldade em escrever palavras na língua Akwê-Xakriabá, mas algumas eles conseguem escrever e outras só copiar mesmo. Um das dificuldades também na escrita da mesma é os acentos. Acredito que eles ainda vão se desenvolverem na pronúncia, pois eles têm muito interesse em aprender a falar e escrever o Akwê-Xakriabá. Algumas palavras que eles têm muita dificuldades:

AMIOTSCHÉ, INTUSCHAYMURIM, HAÏTHAND, D'AHASCHI.

Tiveram problemas também no uso do W, H e Y, acho que devido à questão de que as palavras têm essas letras incluídas acabam sendo confundidas, por exemplo: o H tem som de R em algumas palavras o W é substituído pelo U e o Y pelo I.

Sueli Gonçalves pereira Macedo  
Aldeia Poções - Escola Estadual Indígena Uikitu Kuhinã



A língua é muito importante para nós porque é fundamental aprendermos a língua materna, pois é uma das características da nossa identidade e cultura. Ela é o que nós como um povo de cultura e identidade própria.

O principal objetivo de trabalhar a língua Akwê como disciplina é como a forma de conscientizar as nossas crianças e jovens do quanto é importante a nossa língua materna e que estamos conquistando um grande espaço de praticar cada vez mais nossa língua Akwe Xakriabá. E nós, como indígenas e professores Xakriabá, temos esse papel de levar para nossos alunos mais conhecimentos a respeito da revitalização de nossa língua materna e que estamos em busca de aprender cada vez mais para ensinar melhor nossas crianças e jovens Xakriabá.

As dificuldades que vejo é que nós professores estamos em aprendizagem da língua Akwê Xakriabá. Também, e com isso, temos algumas dificuldades, mas como conquista e força de vontade dos professores em buscar e aprender cada vez mais para ensinar para os alunos a forma correta de pronunciar as palavras na língua Akwê Xakriabá. Os alunos têm muita força de vontade em aprender e isso facilita.

É muito importante a busca de novas palavras para nosso vocabulário pra enriquecer também nossa cultura e nossas tradições culturais.

Por mais que meus alunos já havia visto algumas palavras na aula de cultura, na aula de língua Akwe Xakriabá, eles apresentaram muitas dificuldades para pronunciar e escrever algumas palavras.

O primeiro ano que trabalhei com essa disciplina tive muita dificuldade também no desenvolvimento das atividades para aula, eu particularmente tive muita dificuldade na pronúncia das palavras até porque eu também estou aprendendo. Uma das conquista foi ver que alguns alunos aprenderam a escrita e pronúncia de algumas palavras na língua Akwe Xakriabá.

Judite Pinheiro de Oliveira Lopes  
Aldeia Pedrinha –Escola Estadual Indígena Uikitu Kuhinã



Para mim foi muito rico a disciplina da língua Akwê para todos não só para os alunos mais pra nos professores pra direção e pra comunidade em geral. Antes tínhamos a aula de cultura onde comecei trabalhar um pouquinho com meu alunos os cantos mais com essa conquista hoje eles praticam a pronúncia de várias palavras do vocabulário. A minha maior dificuldade para trabalhar com a língua Akwê Xakriaba foi porque até pra mim era novo e nós não muito material específico e pra adquirir mais material teve vários encontros com os professores de língua Akwê e cultura das outras escolas assim quem tinha mais experiência nos ensinava a pronunciar algumas palavras. Ainda vejo muita necessidade de pesquisar mais matérias. A respeito do vocabulário seria muito importante buscar mais palavras sendo bom que corrija algumas palavras que aparece com mais de um significado. Os alunos tiveram dificuldades na questão dos sons e dos acentos porque as vezes faz a palavra ficar diferente no modo de pronunciar para escrita.

Thaiane Lopes da Silva 24 anos

Escola Estadual Indígena Uikitu Kuhinã. Aldeia Pindaíbas.



A língua de um povo é também seu pilar que sustenta a cultura viva, pois com a língua materna podemos ter um maior contato com nossas raízes, assim fortalecendo nosso corpo, mente e alma, e revivendo mais de nossa cultura.

O objetivo de se trabalhar com a língua Akwê nas escolas como uma disciplina é principalmente a revitalização da língua, já que ela foi perdida ou silenciada por muito tempo, pois nossos mais velhos e antepassados eram impedidos de falar a nossa língua materna e assim foi perdida e agora se encontra em processos de revitalização e que será um maior fortalecimento da nossa cultura.

Eu acho importante a busca de mais palavras no Akwe Xakriabá pois nossos vocabulários que usamos no ensino é pequeno, e isso vai ficando repetitivo para o aluno no passar dos anos. Os meus alunos tiveram mais dificuldades em aprender, pois é uma disciplina nova e não via semanalmente só nas aulas de culturas através dos cantos principalmente.

Eu tive e ainda tenho muita dificuldade nas pronúncias de algumas palavras, e assim como os alunos nós professores também estamos encarando essa disciplina como alunos e cada vez mais sedentos de vontade de aprender mais e mais. Estou sempre correndo atrás do objetivo de adquirir o máximo de conhecimento possível.

## DEPOIMENTOS SOBRE A ESCRITA DE CANÇÕES

Depoimento do Izael Araujo de Oliveira nome na língua Kaktô kârê de 17 anos aldeia Umbauba

“O que posso falar e que essa oportunidade que ganhei de quando comecei fazer músicas foi legal, e foi em uma aula que o professor de língua Akwê Nemerson Pêseka começou falando dessa atividade de fazer músicas, eu achei que nos nem ia conseguir, a primeira parte que eu tinha era a parte TIKA que eu sabia então eu e minha parceira de escola Maristela mais conhecida como Nega ou Kawdi na língua onde conversando com ela nos conseguimos fazer algumas músicas com essa parte de TIKA e ela disse que nos estudando muito de nossa língua com o professor Nemerson vai indo nos consegue ,ai eu levei o caderno de anotações dela pra casa e fiz essa primeira música com a ideia dela de teria a parte dos homens e das mulheres.”

Eu fiquei muito alegre e surgiu a oportunidade de fazer uma apresentação na aldeia Sumaré e essa apresentação foi feita com essa música e nosso professor foi muito aplaudido pela nossa apresentação e nosso bom trabalho e de agora pra frente espero fazer muitas músicas só agora já temos mais ou menos um total de 29 músicas feitas por parceria. Estamos aí, sempre na luta né, eu sou um novo guerreiro e muitos sabem, tenho muita oportunidade de ir em frente e o que mais quero é que Deus me abençoe pra que eu possa fazer muito mais músicas e que eu possa ser esse menino incrível que sei que sou, pois minha família me elogia muito e minha amiga e parceira também me elogia e eu acho ela também muito legal. Eu não sabia que tinha essa capacidade mais acabei descobrindo através dessa aula de língua Akwê.

Musicas

Watôzaimorĩ (2x)

Ariãtã akwê dazakru

Wa wa wa

Ariantã akwê dazakru

Psdĩ psdĩ dazakru

Hemeretôg dazakru

Ariantã

## Depoimento do professor Nemerson Gonçalves de Araújo em akwê Psêkwa

Quando surgiu a disciplina língua Akwê, ou seja, que tiveram a ideia de colocar essa matéria, já vi que seria muito importante, e ficamos muito alegres, pois o pouco que foi adquirido durante esses anos atrás, não só pra escola, mais no dia a dia também, algumas palavras que fomos pegando já vamos poder colocar em pratica e poder passar pra os demais ,pra não ficar só guardado pra gente, porque aquilo de bom que adquirimos temos que sementear e passar pra frente, porque se eu aprender uma coisa que sei que os outros também podem aprender e que tem capacidade e vontade eu procuro ensinar tá passando né, porque vai que um dia a gente falta ingual os nossos mais velhos que falavam na língua faltaram, se não fosse alguns registros de algumas pessoas e as que guardaram na mente e que não tiveram essa oportunidade de distribuir essas palavras mais que até nos dias atuais ainda encontramos palavras novas então temos que passar logo. Quando surgiu essa matéria já fui nomeado assim pra tá trabalhando da 5 a 8 série e eu já sabia algumas palavras mais busquei conhecer mais com o pessoal que tem um pouco mais de entendimento das palavras do Akwe e aí fomos juntado os professores geral de cultura e os que iam trabalhar com a parte da língua Akwe ,fazendo reuniões pra tá afiando ne construindo um material com as palavras que já tinha aqui no Xakriabá e as novas palavras que foram pouco vistas e assim foram se juntando e aconteceu que foi um trabalho muito bom e a coordenação que se juntou com os professores a Zeza a Fernanda e os demais que procuraram se reunir para desenvolver essa atividade e o desafio foi pra todos até porque tinha palavras que a escrita e diferente algumas e daquele novo estudo que o seu Jair e família fizeram e as que já tinha no registro que já tinha aqui com as mesmas palavras só que de forma diferente e muito desafio ainda vem pela frente até hoje nós estamos vendo como e que vai ficar a escrita dela sendo de uma forma que ou outra, mais sempre preservando também as que já tinha e a forma que foram escritas e seguir os parâmetros do novo algumas já tem como mudar a escrita, mas é isso aí, os alunos a maioria se sentiram muito bem familiarizado com essa matéria sendo alguns estranharam assim como e uma matéria nova e a gente procura primeiro não chegar já colocando as palavras no quadro primeiro passamos a história do povo dos ancestrais pois não adianta saber as palavras sem saber como que elas foram passadas pelo nossos antepassados então como método usamos pessoal antigo as histórias do povo e a partir daí já fomos engajando no ABC formando algumas palavras/frases pegando algumas palavras que já tinha e foi ai que uma das atividades propostas foi de produzir músicas com as palavras que já tinha para a partir da música pegar melhor as palavras pois os cantos também faz parte da cultura e já e uma forma de não se perder as palavras pois no canto ajuda bastante pra pegar as palavras e as vezes e até mais rápido que falando assim dialogando assim pois o canto fica na mente da pessoa fica armazenado lá num cantinho da mente da pessoa e o canto ele e dificilmente esquecido e ai e uma forma muito boa de aprender a língua através dos cantos e ai foi criando pouco a pouco e o desenvolvimento está sendo muito bom e a maioria dos alunos estão gostando acredito que a maioria e daqui pra frente a gente vai engajar mesmo e procurar ensinar e passar todas as palavras que já temos ao nosso alcance e acredito que daqui pra frente só tenho e que agradecer mesmo e com a ajuda de todos daqui do território seja mais velhos e os novatos pra tá divulgando as palavras que já sabe mesmo em casa acredito que todos vão pegar bem as palavras e quem sabe com um tempo agente já possa se comunicar pois o sonho de muitos e ode se comunicar com a língua materna, mais e isso ai o alicerce já está feito agora e construir de pouco a pouco.

O ABC do Akwe é bem diferente do português inclusive os sons, a gente começou trabalhar com as vogais e as consoantes pra se familiarizar com alguns sons de letras em determinadas palavras.

Documentário sobre a cultura dos Xakriabá por Tiago Rocha 25 de setembro 20017.

Fala do José de Araújo /Pajé Deda na língua Sirepté

O documentário fala um pouco de algumas estratégias utilizadas para fortalecimento da cultura e fala um pouco do Akwê ,dos processos de lutas ,conta que para chegar até Minas Gerais nossos antepassados tiveram de passar por mais 6 estados e por não falar diretamente a língua Akwê mais tem têm algumas palavras conservada pois temos parentes que falam 100 por cento, aquele que for perguntado a eles, eles conseguem dar resposta mesmo a pergunta em português a resposta deles e na língua Akwê. teve parentes que conseguiram transformar uma bíblia do novo testamento na linguagem Akwê , e aí vamos passando através de músicas também. Aqui temos a parte da dança e temos danças tradicionais de épocas de comemorações que foram vindas de fora e nós considera que não é diretamente da cultura indígenas mais nós adotamos então assim e uma tradição .

Quando nós começamos a perder a língua ,foi com a aproximação de pessoas não índias pois naquela época eles não entendia a forma da nossa fala e achavam também que se nós falasse só da nossa forma e não falasse o português da forma que eles falavam eles seria ruim pois se falasse alguma coisa que eles não entendesse ficaria difícil pra eles .

Teve uma data onde vinheram pessoas do rio de janeiro e conseguiram pegar na época a mãe da bisavó de minha mãe e outra irmã dela e levaram pra Rio de Janeiro. E lá furaram o nariz delas e colocaram uma argola amarraram elas até que eles fossem passando os ensinamentos que eles queriam pra elas. Quando levadas uma tinha 9 anos e a outra 13 anos, pra pegar elas eles fizeram uma armadilha lá no lugar onde elas ficavam e pegaram elas e através dos próprios indígenas que eles já tinham conseguido pegar que eles aprenderam fazer essas armadilhas.

Até hoje muitos de nossos guerreiros ainda tem medo de falar abertamente da cultura e na língua, por causa das perseguições que já teve.

Com essa tecnologia já temos a juventude que tá trazendo mais incentivo pras pessoas que já tem mais uma pratica com a cultura, pra assim utilizar essas tecnologias mais a nosso favor e com isso vai mostrando pra outras pessoas também que não conhecem como que é uma terra indígena, como que é um povo e o jeito próprio de cada um e ai vão levando essas histórias fazendo ela circular, pra quando alguém de fora vim já saber nossa realidade, na época que nós fomos forçados a deixar de falar na língua deixar de fazer rituais e de praticar nossa cultura, os que presenciaram essa época ou seja os não indígenas que causou isso foram os nosso inimigos mais hoje não podemos considerar todos os que tá vindo pra nosso território como inimigos porque temos muitas parcerias que nos ajudam.